

**Os contactos da oposição portuguesa antissalazarista com a
Checoslováquia entre 1933–1974. Contribuição para o
estudo das relações luso-checas.**

Linda Kunderátová, Faculdade de Letras da Universidade Carolina de Praga
7ºano (filologia francesa e portuguesa)
Contacto: moruse26@centrum.cz, Tel. 602 171 961

Oposição antissalazarista e Checoslováquia	6
1. Ajuda checoslovaca à oposição antissalazarista comunista.....	9
1.1. Posição portuguesa em relação à invasão das tropas dos Estados membros do Pacto de Varsóvia.....	11
1.2. Contactos luso-checoslovacos depois de Agosto de 1968	13
1.3. Retratos dos comunistas portugueses residentes na Checoslováquia ...	14
José Gregório.....	14
Cândida Ventura.....	16
Georgette de Oliveira Ferreira.....	18
Mercedes Ferreira e António Lopes	20
Flausino Torres	21
Valdemar Martins de Pinho.....	22
Álvaro Bandarra	23
2. Oposição não-comunista na Checoslováquia.....	24

Notas preliminares a propósito da definição do tema

A estrutura do presente trabalho foi sofrendo adaptações no decorrer da fase de investigação, porque no próprio início da pesquisa não sabia que o território da antiga Checoslováquia tinha sido cruzado por tantos expoentes da resistência antissalazarista, tendo muitos deles vivido alguns anos no nosso país.¹ Apenas imaginava os contactos entre Portugal e Checoslováquia tão densos no período compreendido entre 1933 e 1974, visto(entre 1937 e 1975 não foram estabelecidas relações diplomáticas entre os dois países). Neste sentido, consciencializava-me com o facto de as relações entre dois países não se basearem sempre e necessariamente no protocolo diplomático, mas, por vezes, o papel decisivo poder ser desempenhado pelos factos, naquela época ocultados, ou seja, ilegais. Como consequência desta reflexão, tentava encaixar o apoio checoslovaco destinado à oposição antissalazarista no esquema complexo das relações luso-checoslovacas, e traçá-las então a nível mais interessante, porém, mais complicado. O objectivo-mor centrou-se em examinar o movimento dos representantes da resistência portuguesa na antiga Checoslováquia, aprofundar as informações existentes e tentar revelar os factos até agora desconhecidos nas relações luso-checoslovacas.

Na minha opinião, Portugal continua a ser percebido na historiografia checa à sombra do seu grande vizinho e, por esta razão, um dos objectivos do presente trabalho consiste igualmente em “corrigir” esta situação e, possivelmente, despertar o interesse dos historiadores checos por esse país com tão grandiosa história. O núcleo do texto é constituído pelo capítulo *Oposição antissalazarista e Checoslováquia* que, por sua vez, é formado pelos subcapítulos – “*Ajuda checoslovaca à oposição antissalazarista comunista*” e “*Oposição não-comunista na Checoslováquia*”. O primeiro subcapítulo abrange os retratos dos comunistas portugueses que viveram, pelo menos temporariamente, na Checoslováquia de então, ou seja, na República Checa de hoje. O segundo subcapítulo da segunda parte é baseado na estada de seis meses do general Humberto Delgado num hospital checo – Státní sanatorium de Praga.

A riqueza e diversidade do trabalho reside igualmente, na minha opinião, no anexo que o acompanha. Alguns documentos têm valor comprovativo, por exemplo, os postais do general H. Delgado, etc. A original publicação destes documentos, inéditos até hoje, na sua esmagadora maioria, na República Checa, foi-me possível graças à amável colaboração dos funcionários da Universidade de Coimbra - Centro de Documentação 25 de Abril.

Desde as primeiras reflexões sobre o trabalho, havia uma convicção pessoal que entre Portugal e a República Checa há certas particularidades que, de um ponto de vista não político, aproximam os dois países. Ambos têm aproximadamente a mesma superfície e população; tanto Portugal quanto a República Checa viveram, num tempo considerável da sua história, sob influência de um país vizinho mais poderoso; e até hoje acusam as consequências da ditadura que durou várias décadas.

Para concluir, acho que hoje em dia, quando a República Checa se prepara para aderir à União Europeia, é evidente que o melhor conhecimento do contexto histórico e cultural de Portugal enriquecerá a qualidade das relações entre os dois países. Por isso, ousou dizer que considero o tema escolhido muito actual. Ao mesmo tempo, permitir-me-ia realçar que, por intermédio dos êxitos e erros portugueses, o nosso país poderá inspirar-se para melhor se preparar na fase da integração na União Europeia.

¹ O livro História de Portugal (Dějiny Portugalska) do historiador Jan Klíma sendo hoje em dia a mais importante referência para os estudos da história portuguesa no meio checo, menciona os seguintes representantes: Georgette Ferreira, Álvaro Cunhal, Humberto Delgado, Mário Soares e Flausino Torres. Klíma, Jan. *Dějiny Portugalska*, Nakladatelství Lidové noviny, 1996, p. 242 e p. 246.

Fontes históricas

Neste ponto acho oportuno reflectir sobre a breve análise das fontes históricas que utilizei em grande medida para o trabalho, desde as monografias até aos documentos de arquivo.

Como base adoptei os trabalhos geralmente conhecidos que tratam a história portuguesa contemporânea. Neste sentido, a bolsa de vários meses em Portugal teve um papel decisivo porque, deste modo, tive a possibilidade de estudar não somente as publicações checas e portuguesas acessíveis na República Checa, mas também as de Portugal nas línguas estrangeiras, significando isto que explorei a maior parte dos livros de consulta na versão original. Além disso, adquiri a consciência que o domínio das línguas é uma porta certa e aberta para o estudo da história; por outro lado, percebi que sem formação histórica complexa, o conhecimento das línguas não é senão um instrumento pouco funcional.

De entre os trabalhos dos historiadores checos que se dedicam aos problemas da história moderna portuguesa os mais importantes para a minha investigação foram *História de Portugal* (Dějiny Portugalska) do docente associado Jan Klíma e os artigos do mesmo autor nas revistas históricas, assim como acho precioso o artigo da historiadora Radka Lainová que trata a personalidade de António de Oliveira Salazar e o seu regime autoritário.² Como, graças aos trabalhos supramencionados, as noções de "Estado Novo" ou "regime salazarista" são notórias entre o público científico checo, focalizei a descrição da oposição antisalazarista portuguesa e as suas relações com a Checoslováquia cuidando que os dados estivessem ligados com o contexto da história portuguesa.

Para o tema escolhido, tiveram a maior importância os documentos disponíveis no Arquivo Central de Estado em Praga (Státní ústřední archiv)³ apresentando as provas sobre a presença dos antifascistas portugueses (fundos Presidência e Secretariado do Comité central do Partido Comunista Checoslovaco a partir dos anos 50 até aos anos 70) e, não menos preciosos foram os documentos consultados no Arquivo do Ministério dos Negócios Estrangeiros⁴ (fundo Relatórios políticos) e os do Arquivo do Ministério dos Assuntos Internos⁵. Os documentos dos arquivos checos figuram na língua checa embora o original fosse em português, dado que as pastas designadas para investigação contêm somente os documentos em checo, ou seja, traduzidos para o checo. Na maior parte dos casos, resolvi deixar as citações na versão original e proporcionar ao leitor a tradução portuguesa nas notas.

Em Portugal pesquisei mais aprofundadamente na Universidade de Coimbra – Centro de Documentação de 25 de Abril que permite acesso, entre outros, a um arquivo da imprensa da época tanto oficial como ilegal. Foi justamente naquele centro que me possibilitaram ter o privilégio de folhear as cartas do general Humberto Delgado escritas em *Státní sanatorium* pela sua própria mão trémula depois da operação à hérnia, e os manuscritos enviados da Checoslováquia. De vez em quando ia a Lisboa e estudava igualmente na Fundação Mário Soares onde há um arquivo informatizado. Devido à falta de tempo e problemas administrativos, não consegui, infelizmente, visitar o arquivo nacional da Torre do Tombo. Tive oportunidade de ler a imprensa portuguesa da época, nomeadamente as publicações *Avante!* e o *Militante*, e também os jornais estrangeiros que mais relatavam a situação em Portugal.

Com efeito, fazendo parte integrante e valiosa da investigação os encontros pessoais tidos em Portugal, tais como os que aconteceram com a mulher do professor Flausino Torres,

² Lainová, Radka., „Diktatura ministerského předsedy. António Oliveira de Salazara a portugalský autoritativní režim“, *Historický obzor* 9–10, 1999.

³ Daí em diante vou utilizar a abreviatura SÚA.

⁴ Daí em diante vou utilizar a abreviatura AMZV.

⁵ Daí em diante vou utilizar a abreviatura AMV.

Fernanda Cardoso Figueiredo, o filho mais velho do casal Torres Sr. Cláudio Torres, depois com Valdemar Pinho e a filha do general Humberto Delgado, Iva Delgado. Por intermédio duma pessoa conhecida, tentei entrevistar Álvaro Cunhal – a pessoa mais instruída em termos de ligação aos eventos subordinados ao tema, todavia sem grande êxito. Fez-me chegar a informação que ele tinha vindo várias vezes à Checoslováquia, existiam uns quarenta livros acerca desse tema, e, se trabalhasse no mesmo, deveria ter a minha própria concepção acerca dos acontecimentos com ele relacionados. Actualmente o Sr. Cunhal sofre de graves problemas de saúde e está quase cego, e foi este também um dos argumentos pelo qual não me pôde receber.

Na República Checa acolheu-me o Dr. Jaroslav Střihavka que se encontrou, na época em análise, pessoalmente com muitos emigrantes portugueses na antiga Checoslováquia.

Em Portugal há escassos materiais sobre as vidas dos comunistas portugueses vivendo na antiga Checoslováquia. A situação é dificultada pelo facto de o PCP não tornar os seus arquivos facilmente acessíveis. Tentei contactar várias vezes algumas filiais do PCP, mas sem sucesso. Devido à falta de fontes e dados autobiográficos de personalidades particulares, fui obrigada a partir das fontes com características de *memórias*, como é o caso de Cândida Ventura: *O socialismo que eu vivi*. Tenho consciência que, deste modo, podiam registar-se distorções e outras imprecisões; no entanto, posso afirmar que estudei quase toda a documentação existente a propósito de Cândida Ventura.

Para a pesquisa relativa ao caso do general Humberto Delgado utilizei sobretudo *A Tirania Portuguesa*, isto em relação a fontes impressas, - uma edição de documentos inéditos de cariz tanto pessoal como oficial das actividades da importante personalidade da resistência antislazarista.

Em último lugar, tenho de mencionar que recorri às tecnologias informáticas como por. ex. Internet, sendo uma ajuda insubstituível para a recolha das informações secundárias e formação do anexo.

Oposição antisalazarista e Checoslováquia

Introdução aos contactos de Portugal com a Checoslováquia

A Checoslováquia estabeleceu relações diplomáticas com Portugal em 1921, quer isto dizer que na altura na qual os dois países eram ainda jovens repúblicas. Depois da primeira guerra mundial terminada, dois acordos e duas convenções foram concluídas entre Portugal e a Checoslováquia, a saber: um acordo comercial, um acordo sobre a ajuda mútua jurídica nos assuntos civis e comerciais, uma convenção sobre o reconhecimento e execução das decisões judiciais, uma convenção sobre extradição dos criminosos e ajuda jurídica nos assuntos penais.⁶ Depois do golpe de Estado do general Gomes da Costa em 1926, o comércio checoslovaco viu-se prejudicado pelas modificações constantes da tarifa de direitos alfandegários,⁷ mas a conclusão dum acordo comercial, embora em intenção, não foi concebida, tal como o não foi um aprofundamento das relações luso-checoslovacas. O acesso do regime conservador ao poder em Portugal e o nascimento da oposição opuseram-se ao estreitamento de relações bilaterais correctas. Além disso, para a primeira república checoslava ameaçada em primeiro lugar pelo nazi-fascismo alemão, Portugal representava apenas um importante parceiro estratégico.

Não sabemos, até agora, se nos anos 20 e 30 houve um apoio checoslovaco à oposição antisalazarista, mas é evidente que houve contactos a nível comercial, porque segundo os dados existentes o volume do comércio mútuo naquela época variava de 40 a 60 milhões de coroas por ano, isto é, 2 até 3 por mil das vendas globais do comércio estrangeiro.⁸ Por exemplo, no ano de 1937 o volume do comércio mútuo atingiu o montante de 59,5 milhões de coroas.⁹

A meu ver, um exemplo e início interessante dos contactos da Checoslováquia com a oposição portuguesa é o caso de Bernard Freund, conhecido pelo criptograma «René». Em 1930, este cidadão checo de origem judaica assumiu a direcção da Federação das Juventudes Comunistas Portuguesas e, ao longo da sua presidência, a organização registou um excepcional crescimento dos filiados – de 50 até várias centenas em 1932, quando Freund estava a abandonar o cargo na Federação das Juventudes Comunistas Portuguesas.¹⁰ Embora sejam muito escassos os dados certos acerca da personalidade enigmática de «René», há espaço para especulações. Em primeiro lugar, não sabemos em que circunstâncias Freund chegou até Portugal; porém, podemos supor que «René» - como funcionário experiente que era – tinha sido enviado para Portugal pela Internacional Comunista. Parece-me lógico ele ter sido recrutado pela Internacional Comunista, porque é inverosímil que alcançasse um cargo tão importante num movimento comunista português.¹¹ De facto, há um caso muito parecido registado nos anos 30 em França, onde o comunista eslovaco Evžen Fried - delegado pela

⁶ SÚA, KSČ-ÚV-02/2, Politické byro 1954–62, sv. 144, a. j. 190–191, b. 18. Todos os acordos e convenções foram assinados em Lisboa. O acordo comercial foi assinado a 11 de Dezembro de 1922 e os três documentos restantes acima referidos a 23 de Novembro de 1927.

⁷ AMZV, Politické zprávy r. 1927, Mimořádná politická zpráva č. 8 (p.2), příloha k č. j. 96/27 pol, Lisabon, 22/11/1927.

⁸ adoptado de Jan Klíma, *Dějiny Portugalska*, 1996, p. 239.

⁹ SÚA, KSČ-ÚV-02/2, Politické byro 1954–62, sv. 144, a. j. 190–191, b. 18.

¹⁰ Pereira, José Pacheco. *Álvaro Cunhal, uma biografia política «Duarte» o Dirigente clandestino (1941–49)*, volume 2, 2001, Lisboa: Temas e Debates, p. 96.

¹¹ Não suponho un interesse excessivo dos comunistas checoslovacos por Portugal, seria então lógico Freund ter sido indicado Pela Internacional Comunista. Porém, o desenvolvimento posterior da relação da Internacional Comunista para com Freund contesta-o bastante. De que maneira chegou então Freund a dirigir aquela organização era realmente um mistério.

Internacional Comunista – trabalhou como instrutor do Partido Comunista Francês.¹² A denominação da organização dirigida por Freund lembra nitidamente uma organização similar na Checoslováquia – Komunistická studentská frakce (Kostufra) – a cujo quadro de funcionários pudesse pertencer justamente Freund.

Há certeza relativamente a saber que Freund foi preso pelas autoridades portuguesas em 1932¹³ e, na sequência da sua prisão, exilado do país.¹⁴ Freund partiu com a sua esposa Wilma para Moscovo, onde foi acusado de traição ao movimento comunista. No âmbito das depurações estalinistas, o casal Freund foi assassinado em 1938.¹⁵ O seu destino posterior viria a ter um grande impacto no futuro do Partido Comunista Português, dado que no VII Congresso da Internacional Comunista em 1935, a traição suposta de Freund se tornou num fundamento da acusação do PCP acerca da falta de confiança até que, depois de outras acusações similares, resultou a expulsão do PCP da Internacional Comunista.

Na historiografia portuguesa Bernard Freund está descrito como confidente das autoridades checoslovacas que, depois de ter sido preso, denunciou os seus colaboradores.¹⁶ Na minha opinião, esta característica não deve necessariamente corresponder à realidade, porque recorre aos documentos de origem soviética criados na época das represálias estalinistas e processos moscovitas. De qualquer forma, Bernard Freund continua a ser um das personalidades mais influentes da oposição antisalazarista portuguesa dos anos 30 vinda do meio checoslovaco.

Dos anos 30, há mais uma circunstância bastante digna de atenção para a historiografia checoslovaca, a saber: a integração de «Pável» nas estruturas da Internacional Comunista. «Pável» partiu de Portugal no dia 9 de Março de 1934 e, a partir daí, usou o nome de luta, Fernando Queiróz. As fontes portuguesas mencionam que na Internacional Comunista, Queiróz trabalhou no Bureau Latino junto com Arthur London sob a direcção de Dimitri Manuilsky.¹⁷

Na primeira metade dos anos 30, sob impulsão do PCP, nasceu em Portugal uma outra organização de oposição com o nome da Frente Popular Portuguesa que tinha feito parte da Liga Portuguesa contra a Guerra e contra o Fascismo. A Frente Popular Portuguesa tentou exercer a sua influência, sobretudo no estrangeiro, por intermédio das publicações das informações sobre a violação dos princípios democráticos em Portugal. Foi o que se passou com a carta dirigida ao ministro dos negócios estrangeiros checoslovaco de então, Kamil Krofta, pela qual a Frente Popular Portuguesa tinha chamado a atenção para o apoio do

¹² Ver in: Bartošek, Karel. Zpráva o putování v komunistických archivech. Praha–Paříž (1948–1968), Praha– Litomyšl, Paseka, 2000, p. 132; Tomeš Josef a kol.: Český biografický slovník XX. století, Praha: Paseka, 1999, p. 343, verbete Fried Eugen.

¹³ „Vláda (portugalská - pozn. LK) má velké obavy, aby komunistické hnutí nebylo ze Španělska zavlčeno do Portugalska, a nařídila proto přísnou kontrolu komunistů i všech osob z komunismu podezřelých; řada skutečných i domnělých komunistů byla zatčena, mezi nimi i čl. příslušník Bernard Freund se svou manželkou.“ AMZV, Politické zprávy 1932, Dr. Karel Štrup 26/1/1932 – zpráva běžná č. 3., p. 1.

Tradução: «O governo (português – observação LK) receia muito que o movimento comunista tivesse sido transferido de Espanha para Portugal e, por esta razão, ordenou um controle estrito dos comunistas e mesmo de todas as pessoas suspeitas de serem comunistas; muitos comunistas verdadeiros e supostos foram presos, entre eles também o cidadão checoslovaco Bernard Freund com a sua esposa.»

¹⁴ Fernando Rosas, J.M. Brandão de Brito, *Dicionário de história do Estado Novo*, Lisboa: Círculo de Leitores, 1996, s. 174.

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ Cf., Pereira, José Pacheco. rep. cit., (2001), p. 129.

¹⁷ Dicionário de história de Portugal, António Barreto e Maria Filomena Mónica; Porto: Liv. Figueirinhas 1999-2000, verbete OLIVEIRA (Pável).

governo português aos rebeldes espanhóis.¹⁸ Por meio daquela carta, a Frente Popular Portuguesa convidou o ministro checoslovaco a solidarizar-se com o movimento antifascista.

É minha convicção que o documento mencionado pôde ser uma das causas da decisão do governo checoslovaco relativamente à falta de entrega das armas prometidas para Portugal, porque tinha havido uma suspeita legítima que o governo português proporcionasse as armas ao general Franco, o que estaria em contradição com a promessa da política checoslovaca sobre a não ingerência nos assuntos da guerra civil espanhola. Essa informação está confirmada indirectamente na imprensa checoslovaca de então: „Skutečně také československé úřady v posledních letech odepřely souhlas k vývozu různých druhů válečných materiálů do celé řady států z různých důvodů, v řadě případů s ohledem na svůj závazek nevměšování do španělské občanské války.“¹⁹ Uma tal atitude do governo checoslovaco acarretou uma reacção radical no campo português e, a 18 de Agosto de 1937, Portugal chamou de volta o enviado na Checoslováquia. Depois dum período calmo nas relações entre os dois países que se tinham situado sobretudo a nível comercial, seguiu-se uma revogação das relações diplomáticas por parte dos portugueses. Os diplomatas checoslovacos mostraram publicamente a surpresa suscitada pela posição de Portugal e tentaram explicar a razão do atraso da encomenda.²⁰

Em 1937 as relações diplomáticas viram-se interrompidas e, na sequência desta ocorrência, também os acordos e convenções em vigor. A partir daqui tanto os meios de comunicação social portugueses como checoslovacos não informaram sobre os acontecimentos nos países respectivos com tanta frequência como nos anos 20 e 30.²¹ Naquela época, a atenção das autoridades checoslovacas e de toda a sociedade centrava-se em Espanha. Nasce, por exemplo, um Comité de apoio a uma Espanha democrática (Výbor na pomoc demokratickému Španělsku) e 1 400 de voluntários checoslovacos partem ”rumo a

¹⁸ AMZV, Politické zprávy 1936./příloha k č. 62/dův/36, 9/9/1936. É possível estudar o documento na versão original francesa. Suponho que se tratasse duma carta colectiva sendo dirigida aos outros países democráticos. „[...] le gouvernement de la dictature au Portugal est en train de fournir aux rebelles espagnols un secours aussi important qu’effronté. Argent, armes, munitions, carburants, vivres, traversent à chaque instant les frontières qui séparent les deux pays. Et la chose ne s’arrête point là. Il y a d’autres fournitures, il y a aussi des fournitures humaines [...]“

¹⁹ *Zahraniční politika*, sborník pro studium mezinárodních otázek politických, hospodářských a právních. Řídí Jaroslav Papoušek. 1937, ročník XVII, vydáním a nákladem tiskařské, nakladatelské a novinářské společnosti Orbis, Kronika za měsíc srpen (pgs. 518–579), p. 522.

Tradução: «Nos últimos anos também as autoridades checoslovacas têm realmente recusado, por várias razões, um acordo para a exportação de vários tipos dos materiais de guerra para bastantes países, nalguns casos por causa da promessa de não ingerência na guerra civil espanhola.»

²⁰ „Jak vyšlo najevo, nebylo vůbec možno vzhledem k závazkům Zbrojovky, zejména vůči československému státu, dodatí Portugalsku v žádaných lhůtách žádaná kvanta kulometů typu, pro který se portugalská vláda rozhodla. Proto učinilo ministerstvo zahr. věcí Portugalsku novou nabídku v tom smyslu, že by se zasadilo o to, aby žádané lhůty dodací všech partií byly přesně dodrženy, při čemž by však byly dodány kulometry typu jiného, a to typu v československé armádě výhradně užívaného a pro ni v přítomné době ve velkých kvantech vyráběného, což samo o sobě je důkazem skvělých vlastností tohoto typu. Portugalská vláda zamítla tuto nabídku [...]“ Ibid., p. 523.

Tradução ligeiramente abreviada: «Tornou-se óbvio que não tinha sido possível fornecer a quantidade dos tipos das metralhadoras nos prazos pedidos sobretudo por causa dos compromissos da empresa Zbrojovka para com a Checoslováquia. Por esta razão, o ministério dos negócios estrangeiros, fez uma outra proposta a Portugal no sentido em que a Checoslováquia teria respeitado os prazos de entrega uma vez que pudesse entregar as metralhadoras dum outro tipo – metralhadora unicamente utilizada nas forças armadas checoslovacas, na altura fabricada em grandes quantidades o que era uma prova das qualidades excelentes daquele tipo de arma. O governo português rejeitou a proposta [...]».

²¹ „V denním tisku a různých revuích uveřejněno, jako obvykle, více článků o ČSR, dodaných namnoze vyslanectvím.“ AMZV, Politické zprávy 1932, Zpráva běžná číslo 26, enviado de Lisboa a 8 de Agosto de 1932.

Tradução: « Na imprensa diária e revistas diversas, como de costume, há mais artigos sobre a Checoslováquia fornecidos sobretudo pela legação.»

Madrid lutar por Praga”.²² No final da Segunda Guerra Mundial, os portugueses estiveram informados sobre a situação na Checoslováquia por meio de *O Diário de Notícias* que dedicou uma atenção especial ao levantamento praguense.

O fim da Segunda Guerra Mundial não significou, contudo, um melhoramento para as relações luso-checoslovacas, por causa do pendor da Checoslováquia para a União Soviética, significando isto um afastamento dum potencial aliado europeu mais ocidental. Por outro lado, era óbvio um interesse progressivo para o reatamento das relações comerciais de Portugal com a Checoslováquia cujo volume atingiu aproximadamente os mesmos montantes dos anteriores à guerra. Até 1948, o volume médio do comércio mútuo foi igual a 51,3 milhões coroas.²³ Com o conflito crescente da guerra fria, o balanço comercial entre Portugal e Checoslováquia praticamente deixou de existir, desde 1948 até 1952 o volume médio não atingiu mais que 7,5 milhões coroas.²⁴ Após a morte de Estaline em 1953, as novas bases dos canais entre Oeste e Leste foram relançados e, em consequência dum degelo progressivo, deu-se uma abertura dos diálogos luso-checoslovacos durante a negociação da Comissão Europeia Económica junto à ONU em Genebra, tendo como resultado um acordo interbancário entre o Banco de Portugal e *Československá státní banka* concluído em Janeiro de 1956 em Praga.²⁵

Nos anos 50, as relações económicas entre os dois países intensificaram-se cada vez mais e era então conveniente, no mínimo, a instituição duma delegação comercial permanente, porque as autoridades portuguesas não atribuíam então senão um visto de entrada com validade dum mês. Por intermédio das legações checoslovacas, o Ministério dos Negócios Estrangeiros checoslovaco efectuou as primeiras prospecções sobre o eventual reatamento das relações diplomáticas porque, evidentemente, tanto as questões comerciais quanto políticas seriam solúveis com mais facilidade. Das prospecções resultou, no entanto, que „eventuální dohodě jednak čs. stanovisko podporující indické požadavky na vymanění portug. kolonie Goy z portugalského područí, jednak události v Maďarsku a s nimi vzniklé zvýšené napětí v mezinárodních vztazích.”²⁶

1. Ajuda checoslovaca à oposição antisalazarista comunista

„[...] *Žádáme o vaši bratrskou pomoc v boji komunistů a port. lidu, abychom vyrvali s. Á. Cunhala ze spárů fašismu.*”²⁷

„[...] Pedimos a Vossa ajuda fraternal na luta dos comunistas e povo português a fim de arrancar o camarada Á. Cunhal das mãos do fascismo.

Embora os diplomatas checoslovacos pedissem o reatamento das relações diplomáticas com Portugal, na segunda metade dos anos 50 podemos registar um apoio

²² „u Madridu se bojuje za Prahu“ (junto a Madrid luta-se por Praga) era um lema checoslovaco daquela altura simbolizando a necessidade da luta contra o fascismo mundial em todas as frentes de batalha, neste caso contra o governo de Franco.

²³ SÚA, KSC-ÚV-02/2, Politické byro 1954–62, sv. 144, a. j. 190-191, b.18.

²⁴ *Ibidem*.

²⁵ O acordo interbancário fixou o volume anual do comércio mútuo em 60 milhões coroas. *Ibidem*.

²⁶ *Ibidem*.

Tradução: «[...]um eventual acordo está impedido por um lado pelo ponto de vista checoslovaco apoiando as exigências índias para a libertação de Goa do império colonial português, e, por outro lado, os eventos na Hungria tendo como consequência uma tensão crescente nas relações internacionais.»

²⁷ SÚA, KSC-ÚV-02/4, Sekretariát ÚV KSC 1954–62, sv. 96, a. j. 113, b. 21. apresenta c. Hendrych, 10. dubna 1956. Trata-se dum trecho da carta enviada pelo Comité Central do PCP ao Comité Central do PCC, pelo Comité Central do PCP assinou *Matos*.

secreto do Partido Comunista Checoslovaco²⁸ à oposição antisalazarista portuguesa. Na segunda metade dos anos 50, no seio do PCC apareceu um grupo reorganizador, e dos seus esforços resultou o aprofundamento das relações com „fraternais“ partidos comunistas. Uma das primeiras aproximações foi, em 1955, a estada temporária na Checoslováquia dum funcionário do PCP, naquela altura membro do secretariado do PCP - José Gregório.²⁹

Em 1956 o Comité Central do PCC recebeu um apelo do Comité Central do PCP que tinha sugerido aos camaradas checoslovacos iniciar uma campanha libertadora pelo secretário geral do Comité Central do PCP de então – Álvaro Cunhal. A partir do ano 1949, Cunhal esteve preso por causa da actividade política proibida. Como a pena de sete anos expirou, mas estava constantemente a ser prorrogada conforme as medidas de segurança contidas no decreto-lei N° 37 447, na reunião do Comité Central do PCC foi decidido realizar a campanha pela libertação de Álvaro Cunhal por meio de cartas de protesto e telegramas dirigidas aos organismos respectivos através da União dos militantes antifascistas.³⁰

O apoio da Checoslováquia dos anos 50 não se reduziu, portanto, à publicação das informações sobre a prisão dos presos políticos e crimes do salazarismo. Por exemplo, em 1957, um pedido do PCP quanto ao fornecimento de duas máquinas de imprensa foi aceite. A soma igual a 2 300 000 francos franceses foi mandada para a conta da Embaixada da Checoslováquia situada em Paris.³¹

Nos finais dos anos 50, a Cruz Vermelha checoslovaca iniciou uma campanha pela libertação da presa política e funcionária do PCP – Georgette Ferreira. Ela acabou por passar três anos na Checoslováquia e aqui se curou das consequências das doenças provocadas pela vida ilegal e condições atroz na prisão.³² Nos anos 60 o Comité Central do PCC proporcionou aos comunistas portugueses e às famílias deles, além das estadas de cura e atribuição de asilo, igualmente a inserção de trabalho. Note-se que o Comité Central do PCC o fazia através das organizações apartidárias, delas sendo a mais importante a Cruz Vermelha checoslovaca.

É óbvio que nos anos 60, o PCC apoiou os comunistas portugueses não só no território checoslovaco, mas também em Portugal. Uma das ajudas mais eficientes era a organização dos congressos do Comité Central do PCP na Checoslováquia. As informações sobre os congressos ilegais eram sempre estritamente ocultas de modo que não sabemos com certeza quantas reuniões do Comité Central do PCP tiveram lugar na Checoslováquia até ao fim da ditadura salazarista. Com maior probabilidade, a primeira sessão secreta do Comité Central do PCP na Checoslováquia terá sido efectuada em Abril de 1964; das fontes de arquivo conseguimos apurar que terminou a 18 de Abril de 1964, embora ainda no dia 2 de Abril daquele ano não se tivesse sabido o data da sua realização.³³ A única informação segura sobre a sessão é que „bylo uloženo s. Kouckému, aby mezinárodní oddělení ÚV KSČ ve spolupráci s ministerstvem vnitra zajistilo celou akci při naprostém utajení.“³⁴

²⁸ Daí em diante vou utilizar a abreviatura PCC.

²⁹ Ver o retrato do José Gregório.

³⁰ SÚA, KSČ-ÚV-02/4, Sekretariát ÚV KSČ 1954–62, sv. 96, a. j. 113, b. 21. apresenta c. Hendrych, 10/4/1956. O presidente da União dos militantes antifascistas foi delegado para realização da campanha libertadora.

³¹ SÚA, KSČ-ÚV-02/2, Politické byro 1954–62, sv. 144, a. j. 190–191, b. 18. apresenta c. Hendrych, 1/7/1957.

³² Ver o retrato da Georgette Ferreira.

³³ AMV, Sv-0018/03–64, sekretariát ministerstva vnitra – kontrolní list. A sessão do Comité Central do PCP foi aprovada na reunião do Comité Central do PCC a 28 de Janeiro de 1964.

³⁴ *Ibidem*.

Tradução: «Sr. Koucký esteve incumbido afim de que o departamento internacional do Comité Central do PCC assegurasse toda a sessão em absoluto segredo em colaboração com o Ministério dos Assuntos Internos.»

Depois da sua fuga de Peniche, o secretário geral do PCP Álvaro Cunhal era convidado permanente de Moscovo. É certo que Cunhal viveu em vários países do bloco de Leste, porque era ele próprio a controlar o trabalho dos seus «subalternos», entre eles, exemplo, Pedro Soares ou Cândida Ventura. As estadas praguenses de Cunhal decorreram a nível do Comité Central, raramente se encontrava com os portugueses que viveram na Checoslováquia. Graças a Cunhal, a direcção do Comité Central do PCC era regularmente informada sobre a situação no PCP. Nos anos 60, Cunhal encontrou-se várias vezes com o secretário do PCP Vladimír Koucký, por. ex. em novembro de 1965³⁵ e em Janeiro de 1968.³⁶

Como a personalidade de Cunhal está até hoje envolvida no mistério, diligentemente criada por ele próprio, os historiadores não conseguem chegar a consenso sobre o movimento de Cunhal nos países do bloco de leste.³⁷ O Dr. Jaroslav Střihavka disse-me que Cunhal viveu na Checoslováquia sob o seu nome oriundo da ilegalidade portuguesa – «Duarte» – e tinha mesmo um quarto “em” estilo português no hotel partidário Praha.³⁸

Uma outra sessão secreta do PCP cujo orçamento rondou as 45 mil coroas, ocorreu o mais provavelmente entre 2 e 9 de Agosto de 1967 numa sede de governo em Koloděje.³⁹ Conforme esquema parecido, uma sessão plenária do Comité Central do PCP estava a ser preparada, previamente planeada para o fim de Agosto ou início de Setembro do mesmo ano. O pedido do PCP para a realização dessa sessão foi feito por Fontes durante a segunda reunião de concelho, e já no dia 18 de Maio de 1968, o pedido foi aprovado.⁴⁰ Suponho que em consideração aos acontecimentos de Agosto de 1968 na Checoslováquia, a sessão plenária não teve lugar.

1.1. Posição portuguesa em relação à invasão das tropas dos Estados membros do Pacto de Varsóvia

Decorreu de 24 a 26 de Abril de 1967 em Karlovy Vary uma conferência dos partidos políticos comunistas e trabalhadores na qual participaram os maiores expoentes do movimento comunista. Álvaro Cunhal entrevistou com uma comunicação subordinada ao tema *A luta pela paz e a segurança na Europa* em que abordou, entre outros aspectos a necessidade do respeito pela soberania nacional dos Estados membros do Pacto de Varsóvia sendo este um princípio essencial das relações de amizade socialista.⁴¹ O posterior processo reformador conhecido como Primavera de Praga tinha captado a atenção da imprensa ilegal comunista portuguesa, tendo o jornal *Avante!* publicado em Maio de 1968 um importante artigo: „*A Checoslováquia prossegue pela via do socialismo*” no qual se declara que a Checoslováquia

³⁵ SÚA, KSČ-ÚV-02/1, Předsednictvo ÚV KSČ 1962–66, sv. 124, a. j. 131, b. 9 k inf.

³⁶ SÚA, KSČ-ÚV-02/1, Předsednictvo ÚV KSČ 1966–71, sv. 61, a. j. 68, b. 4 k inf.

³⁷ A título de exemplo menciono o livro relativamente novo e bastante citado *E assim murcharam os cravos* que afirma que Cunhal viveu quatorze anos no exílio justamente em Praga. Wery, Max. *E assim murcharam os cravos*, Lisboa: Editorial Fragmentos, 1994.

³⁸ Entrevista pessoal, 21/1/2003.

³⁹ SÚA, KSČ-ÚV-02/4, Předsednictvo ÚV KSČ 1966–71, sv. 14, a. j. 22, b. 21. Apresenta c. Kaderka a s. Faltínek dne 12/5/1967. Essa sessão secreta escapou da atenção de Klíma no seu estudo sobre as relações luso-checoslovacas em a História de Portugal. Não posso concordar com a sua afirmação que a intensidade das relações bilaterais diminuiu antes de Agosto 1968.

⁴⁰ SÚA, KSČ-ÚV-02/1, Předsednictvo ÚV KSČ 1966–71, sv. 71, a. j. 89, b. 13. apresenta c. J. Lenárt, Foi o camarada Lenárt o incumbido pela organização da sessão plenária.

⁴¹ A intervenção do c. Á. Cunhal está à disposição dos investigadores na Universidade de Coimbra – Centro de Documentação de 25 de Abril. Daí em diante vou utilizar a abreviatura UCCD 25 de Abril para designar a Universidade de Coimbra – Centro de Documentação de 25 de Abril.

tinha continuado a manter a „sua fidelidade ao marxismo-leninismo e ao internacionalismo proletário.”⁴²

É possível notar uma modificação radical na posição de Cunhal depois de decorridos um ano e alguns meses porque, de repente, para além de julgar a ocupação da Checoslováquia pelas tropas polacas, búlgaras, húngaras, romenas, jugoslavas e alemãs, como prova de consciência política, percebe-a como „ajuda efectiva embora em dramáticas condições ao Partido Comunista da Checoslováquia, a defesa da comunidade socialista contra a acção das forças da contra-revolução e contra o imperialismo.”⁴³

A posição dos comunistas portugueses para com a invasão das tropas dos Estados membros do Pacto de Varsóvia esteve longe de ser unânime. Os primeiros a publicarem a sua opinião foram os democratas portugueses residentes na Checoslováquia com o estatuto de exilados políticos. A posição deles foi nitidamente desaprovadora e imprimiram-lhe uma forma escrita. O iniciador e autor da primeira declaração aberta apelando à Paz e cessação imediata do conflito foi o professor Flausino Torres e assinaram-na, por exemplo, Álvaro Bandarra e Mercedes Ferreira.⁴⁴ No dia 16 de setembro de 1968 seguiu-se uma outra declaração onde os signatários portugueses discordaram, entre outros, da posição do PCP cujo ponto de vista oficial foi o da aprovação com o rumo pró-soviético. Conforme a agência TASS, o secretário geral do Comité Central do PCP, Álvaro Cunhal, e o Partido Comunista Libanês concordaram com a acção das tropas dos Estados membros do Pacto de Varsóvia com o intuito de defender o regime socialista na Checoslováquia.⁴⁵

Os signatários das declarações sentiram-se muito revoltados com o facto de que ninguém do Comité Central do PCP tivesse consultado com eles a posição relativamente à invasão e fosse então decidido por eles. Mais tarde, em consequência do desvio da linha oficial do PCP, todos os signatários das declarações foram afastados do partido. Não consegui chegar a saber se foram punidos de alguma outra forma ou não. Os depoimentos das testemunhas Fernanda Cardoso Figueiredo (esposa de Flausino Torres) e Valdemar Pinho estão de acordo que nenhuma pressão tinha sido exercida sobre eles e decidiram abandonar a Checoslováquia por razões pessoais. A viúva do professor Torres expressa-o pelas palavras seguintes: „A ajuda financeira do PCP foi-nos paga e trataram-nos bem de ora em avante.”⁴⁶ Neste sentido, advirto que nem o operário Valdemar Pinho nem a esposa de Flausino Torres estiveram tão integrados socialmente. Certamente seria muito interessante ouvir o testemunho do professor Torres que em 1970 se foi embora da Faculdade de Letras. Um sinal da pressão política é perceptível no caso de Álvaro Bandarra que justificou a sua partida da Checoslováquia por razões políticas. Caso cheio de contradições julgo o de Cândida Ventura que nas suas memórias descreve de maneira emocionante as primeiras sensações pós-invasão e afirma que, apesar de concordar com a declaração de Torres não assinou porque, como representante da direcção do partido estava à espera posição oficial do PCP. Valdemar Pinho, no entanto, contou-me que Ventura aprovou a invasão seguindo então a linha oficial do PCP, e neste sentido foi visitá-lo em Štětí com o objectivo de persuadi-lo. „Mas, a conversa durou cinco minutos...”concluiu Valdemar Pinho.⁴⁷

⁴² in «Avante!», Maio 1968, Ano 37, Série VI, N° 391, pg. 6; UCCD 25 de Abril.

⁴³ Declaração do Partido Comunista português sobre a situação na Checoslováquia, [Comité central do PCP]. - [S.I.]: CCPCP, 1968. UCCD de 25 de Abril.

⁴⁴ Ver os seus retratos. Várias fontes mencionam esses signatários, além disso, averigui a informação durante a entrevista pessoal no dia 26/12/2003.

⁴⁵ Jornal checoslovaco Rudé Právo do dia 17 de Outubro de 1968.

⁴⁶ Entrevista pessoal no dia 26/12/2003.

⁴⁷ Entrevista pessoal, 29/1/2002.

1.2. Contactos luso-checoslovacos depois de Agosto de 1968

O primeiro encontro dos dirigentes dos PCP e PCC teve lugar em Dezembro de 1969 na Checoslováquia. Tratou-se duma delegação de estudos chefiada pelo secretário geral do PCP Álvaro Cunhal, sendo acolhida por Husák e Biľak.⁴⁸ A delegação portuguesa compreendeu os seguintes filiados: José Vitoriano – membro do secretariado do Comité Central do PCP, Joaquim Gomes – membro do Comité Central do PCP e Catarina Mendes – membro suplente do Comité Central do PCP.⁴⁹ No decorrer das reuniões, os representantes do PCP foram informados sobre o desenvolvimento pós-invasão no seio do PCC em que, conforme as palavras do próprio Biľak: „se provádí očista od lidí, kteří do strany přišli po únoru 48 z jiných politických stran a od kariéristických živlů.“⁵⁰ No protocolo da reunião destinado aos membros do Comité Central do PCC figura também a seguinte afirmação: „Port. soudruzi se zájmem vyslechli konstatování, že naprosto neodpovídá skutečnosti hubbuk se soudy s hl. exponenty pravicového oportunismu. Bylo jim naopak zařízeno vhodné pracovní zařazení a zákon stíhá jen ty, kterým bylo prokázáno porušování ústavy a zákonů za činy, které přímo skutkovou podstatou nesouvisí se srpnovými událostmi loňského roku, ale jsou pozdějšího data.“⁵¹ Como conclusão do primeiro encontro do PCP com a direcção de normalização resultou a promessa do PCC que „bude nadále plnit vůči ní své internacionalistické závazky.“⁵²

O PCC cumpriu a sua promessa: por exemplo, em Setembro de 1971 quando ficou aprovado o aumento da delegação do PCP em Praga de mais dois funcionários.⁵³ Como de costume, o casal deveria viver na Checoslováquia sob os criptogramas e as despesas globais seriam cobertas pelos meios financeiros do PCP. O casal de funcionários deveria administrar sobretudo os trabalhos técnicos como por exemplo „rozmnožování informací PKS, psaní na stroji, práce s poštou apod. podle pokynů vedení PKS.“⁵⁴

A corrosão progressiva da ditadura salazarista resultou no dia 25 de abril de 1974 na tomada relativamente calma do poder pelo Movimento das Forças Armadas. O novo regime tendente à esquerda era evidentemente mais próximo da Checoslováquia, por isso, nada

⁴⁸ SÚA, KSČ-ÚV-02/1, Předsednictvo ÚV KSČ 1966–71, sv. 113, a. j. 185, b. 4 k inf.

⁴⁹ Cândida Ventura viveu na Checoslováquia sob o nome de Catarina Mendes. O facto de Ventura ter participado naquela delegação como membro suplente do Comité Central do PCP confirma, duma certa forma, as palavras acima referidas de Pinho, apesar das justificações de Ventura nas suas memórias (pgs. 166-167); além disso, o nome de Ventura no comunicado, por mais que pudesse ser pressionado, figurava nos documentos oficiais tais como por. ex.: «Avante!», n° 411, janeiro 1970.

⁵⁰ SÚA, KSČ-ÚV-02/1, Předsednictvo ÚV KSČ 1966–71, sv. 113, a. j. 185, b. 4 k inf.

Tradução: «procede-se às depurações das pessoas que aderiram ao partido depois de Fevereiro 48 doutros partidos políticos e dos elementos carreiristas.»

⁵¹ Ibidem.

Tradução: «Os camaradas portugueses escutaram com interesse a constatação que a pataratices com julgamentos dos principais representantes do oportunismo da direita não correspondia à realidade. Muito pelo contrário, foram-lhes arranjasdas as inserções de trabalho, e a lei persegue somente aqueles a quem estivesse provado a violação da constituição e leis pelos crimes que não estavam relacionados com os acontecimentos de agosto do ano passado, mas são posteriores.»

⁵² Ibidem.

Tradução: «faria face aos compromissos internacionalistas para com o PCP.»

⁵³ SÚA, KSČ-ÚV-02/1, Předsednictvo ÚV KSČ 1971–76, sv. 13, aa. j. 13, b. 16. Apresenta V. Biľak 20/9/1971

⁵⁴ Ibidem.

Tradução: «reproduções das informações do PCP, mecanografia, trabalho com correio etc., conforme as instruções do PCP.» No documento está também mencionado que a administração económica da delegação seria realizada da mesma maneira como nos casos doutras delegações dos partidos comunistas que trabalham em Praga. Na minha opinião seria muito interessante descobrir quantas delegações terão residido em Praga e que tipo dos deveres políticos terão tido.

incomodou o aprofundamento dos contactos entre os dois países e as relações diplomáticas foram concluídas a 27 de Junho de 1974 a nível de embaixada.⁵⁵ Os grandes progressos a nível económico não se fizeram esperar por muito tempo – a 1 de Março de 1975, um acordo comercial a longo prazo, patrocinando juridicamente os comércios entre os dois países, foi concluído. Este último acordo abriu uma perspectiva óptima para o aumento do intercâmbio comercial mútuo. Em Setembro de 1975, um projecto para a conclusão dum acordo intergovernamental de transporte aéreo entre a Checoslováquia e Portugal foi negociado na sessão plenária do governo checoslovaco. A matéria foi apresentada ao Comité Central do PCC com a seguinte argumentação: „uzavření letecké dohody mezi ČSSR a Port. rep., by mělo přispět jak k všestrannému rozvoji bilaterálních styků, tak i k oslabování politické a hospodářské závislosti Port. na západních aliancích.“⁵⁶ Na mesma altura, o Comité Central do PCC aprovou a 5 de Setembro de 1975 a implantação dum departamento militar da missão em Portugal „jako výraz podpory pokrokových snah Hnutí ozbrojených sil a nejpokrokovější síly v zemi – PKS.“⁵⁷

Uma bem sucedida realização dos projectos que se tinham traçado da parte checoslovaca para o futuro Portugal socialista, aniquilaram os fracassos das forças de esquerda. Uma tentativa malograda esquerdista do golpe de Estado do 25 de novembro de 1975, a má situação vivida em mero Portugal em consequência dos esforços reformadores da esquerda e a obtenção de uns mero 14 % para o PCP nas eleições parlamentares no ano de 1976 sepultaram definitivamente as esperanças dos comunistas de virem a tomar o poder.

1.3. Retratos dos comunistas portugueses residentes na Checoslováquia

O presente subcapítulo compreende os retratos dos comunistas portugueses que viveram, pelo menos temporariamente, na Checoslováquia de então, ou seja, na República Checa de hoje. Vou concentrar-me, com efeito, na ligação daquelas personalidades com a Checoslováquia e nas actividades desempenhadas no decorrer das suas estadas. Em termos de metodologia vou proceder de forma bastante resumida, visto que o trabalho não deverá exceder vinte páginas.

José Gregório

José Gregório - um importante quadro político comunista que contribuiu com veemência, entre outras actividades, na reorganização do PCP nos anos 40 – partiu para a Checoslováquia acompanhado pela sua esposa Amélia de Carmo no ano de 1955. O motivo essencial da sua partida foi o seu estado de saúde que cada vez se tinha tornado pior, consequência das exigências da vida clandestina e da “vida” na prisão onde tinha sido

⁵⁵ SÚA, KSČ-ÚV-02/1, Předsednictvo ÚV KSČ 1971–76, sv. 160, a. j. 163, b. 4, Příloha III.

„ČSSR byla od srpna 1974 zastoupena v Lisabonu chargé d'affaires a.i., od února 1975 je v činnosti velvyslanectví v čele s velvyslancem.“

Tradução: «A partir de Agosto de 1974, a Checoslováquia está representada em Lisboa por um chargé d'affaires a.i., desde Fevereiro de 1975 está-o a nível da embaixada dirigida por um embaixador.»

⁵⁶ SÚA, KSČ-V-02/1, Předsednictvo ÚV KSČ 1971–76, sv. 168, a. j. 169, b. 4 k inf., 8/9/1975 Apresentam c. J. Gregor a Š. Šutka.

Tradução: «A conclusão dum acordo aéreo entre a Checoslováquia e Portugal deveria contribuir por um lado para o desenvolvimento dos contactos bilaterais em todos os aspectos e, por outro lado, para o enfraquecimento da dependência política e económica de Portugal relativamente às alianças ocidentais.»

⁵⁷ SÚA, KSČ-ÚV-02/1, Předsednictvo ÚV KSČ 1971–76, sv. 166, a. j. 168, b. 13. Apresenta c. N. Dzúr, 26/8/1975.

Tradução: «como expressão do apoio dos esforços progressistas do Movimento das Forças Armadas e da força mais progressista do país – PCP.»

torturado. Neste ponto, Gregório foi um dos pioneiros porque nas fontes de arquivo, não consegui apurar nenhuma atribuição de tratamento custeada pelo PCC a um representante do PCP anterior àquela que foi concedida a Gregório. Julgo curiosa a forma como o documento de arquivo está, hoje em dia, conservado - sem data e na pasta está escrito somente a lápis: „schvaluje se dočasný pobyt v ČSR pro portugalského soudruha José Gregório a jeho manželce na náklady ÚV KSČ.“⁵⁸ Estou em crer que os representantes do secretariado do Comité Central do PCC tinham considerado este caso como marginal, e nem teriam imaginado que o casal Gregório ficasse na Checoslováquia até à morte de Gregório o que aconteceu em 1961. E ainda menos, os comunistas checoslovacos teriam previsto em que medida as concessões das estadas curativas se tornassem elemento de ligação entre a oposição portuguesa e países socialistas do bloco de Leste.

Mesmo depois de ter abandonado o solo pátrio, Gregório não deixou concentrar a sua atenção na situação em Portugal e no PCP. Nas suas reflexões relativas aos acontecimentos no partido, criticou nomeadamente o trabalho fraccional, o que o tornou, apesar da enorme distância, incómodo para a direcção do PCP. Acusado de cometer o trabalho fraccional, Gregório, por seu turno, viu-se demitido dos seus cargos na direcção do partido tendo sido apontada como razão o seu mau estado de saúde.⁵⁹ Neste ponto permito-me lembrar que, em 1946, Gregório foi devidamente eleito ao mesmo tempo para o Comité Central, Comissão política e Secretariado do PCP. Por esta razão, não admira que no quinto congresso do PCP realizado em 1957, a popularidade de Gregório estivesse no auge quando, embora ausente, tivesse sido reeleito no Comité Central do PCP. No total, Gregório ficou treze anos sucessivos (1943-1956) no Secretariado do Comité Central do PCP.

Apesar de ter apenas 53 anos, José Gregório morreu em Maio de 1961 em Praga em consequências duma doença grave. Até ao fim da sua vida, Gregório permaneceu comunista dedicado; contudo, nas suas reflexões são nítidas as observações ásperas para com a acção soviética contra Hungria em 1956, e critica igualmente as ligações exageradamente estreitas entre o PCP e o Partido Comunista da União Soviética. José Gregório viveu na Checoslováquia com o nome «Alonso» e teve bastantes ocasiões de formar opiniões sobre a situação actual não somente por ter vivido aqui, mas também por ter tido como vizinho Artur London.⁶⁰

Cândida Ventura lembra o seu amigo em vários capítulos do seu livro *Socialismo que eu vivi*: „Os anos difíceis de 1944 a 1947, de fome e de «mudanças» constantes, mas cheios de solidariedade, passámo-los e recordámo-los em Praga, no mesmo sentimento de preocupação quanto ao futuro do Partido e do nosso país. Com uma preocupação enorme em ajudar todos os que consigo contactavam, enfrentava as dificuldades, mesmo nos momentos mais graves, com o seu humor pronto e sadio. Um amigo que, infelizmente, já não voltou a Portugal. Voltaram as suas cinzas, transportadas por mim, em 16 de Janeiro de 1975, juntamente com o que restava na sua campa. A direcção do PCP não só ocultou da sua esposa a data em que se efectuou a sua deposição no cemitério da sua terra natal, Marinha Grande, como proibiu (dando ordens para destruir) que lhe juntasse a fita vermelha e branca, colocada

⁵⁸ SÚA, KSČ-ÚV-02/4, Sekretariát ÚV KSČ 1954-1962, sv. 84, a. j. 84, b. 32; executará: c. Moravec. Tradução: «a estada temporária na Checoslováquia do camarada português José Gregório e sua esposa sob despesas do Comité Central do PCC está aprovada.»

⁵⁹ Costa, Ramiro da. *Elementos para a história do movimento operário em Portugal*, 1979, pg. 40.

⁶⁰ Julgo que Artur London não foi senão um vizinho praguense de Gregório, mas igualmente um velho conhecido (ver o anexo de fotografias). London tinha estudado em Moscovo na mesma altura como Gregório (1934-1937) e em Espanha tinha trabalhado nas esferas de segurança da Internacional Comunista.

Cf. Bartošek, Karel. rep. cit. 199, pg. 48.

por sua esposa junto da urna, onde se pode ler, em letras douradas «Da tua mulher que nunca te esquecerá pela Felicidade que lhe deste».⁶¹

Quando Pires Jorge analisa as causas das grandes dificuldades nas quais o PCP se tinha encontrado durante a prisão de Álvaro Cunhal em 1949, relembra a qualidade insubstituível de José Gregório. „[...] e o Zé Gregório que, a seguir à prisão dos outros camaradas, quando carregava uma mala com materiais na mudança duma casa do Partido, ali na Nazaré, teve um enfarte do miocárdio. Ainda continuámos com ele, doente e sempre assistido por um médico, para assegurar a continuidade do trabalho. Mas, ao fim de um ano, tivemos de o mandar para a Checoslováquia, porque aqui, na clandestinidade, não tínhamos possibilidade de lhe dar assistência conveniente. Foi uma grande baixa – o Álvaro, o Militão, o Zé Gregório – praticamente todo o Secretariado do Partido.”⁶²

Cândida Ventura

„No decorrer destes anos fui várias vezes à URSS, à Bulgária, à RDA, à Hungria, à Roménia, à Polónia: assisti (e vivi) o processo que conduziu á «Primavera de Praga». Vivi a «Primavera de Praga».Vivi a ocupação da Checoslováquiapelas tropas do Pacto de Varsóvia, dirigida pelo PCUS. Vivi a «normalização».”⁶³

A personalidade de Cândida Ventura tem importância chave para os contactos entre a oposição comunista antissalazarista portuguesa e Checoslováquia porque entre 1965 e 1975 esteve incumbida da função de dirigente da emigração política portuguesa na Checoslováquia. A pedido de José Gregório – membro do Comité Central do PCP de então - Cândida Ventura passou à clandestinidade em 1943 depois de se ter licenciado em Coimbra.⁶⁴ A partir daí, adopta vários nomes de difarce - „Joana“, „Rosa“, „André“ou „Carlota“, na Checoslováquia viveu sob o nome de Catarina Mendes.

É evidente que Ventura se destacou entre os outros militantes, o PCP confiou-lhe uma grande responsabilidade na greve de São João da Madeira em 1943 (função de organização e controlo), um cargo que anteriormente nunca tinha sido delegado numa mulher. E em seguida, no ano de 1949, Ventura como a primeira mulher na história do PCP «reorganizado» foi eleita para o Comité Central. Hoje em dia, podemos somente supor que as actividades políticas de Cândida Ventura na clandestinidade foram excepcionais, mas há a certeza que alguns dos maiores representantes do PCP lhe dedicaram bastante atenção.⁶⁵ O historiador português José Pacheco Pereira menciona no segundo volume da biografia política de Cunhal um trecho duma carta de Cunhal dirigida a Cândida Ventura no qual lhe disse: „[...] é um impensado desejo que não tem em conta as suas próprias debilidades, os seus próprios defeitos, as raízes afinal que a prendem – contra a sua vontade – à sociedade em que V. se fez mulher.“ Além do pensamento de Cunhal partindo dos princípios da aplicação dos axiomas marxista sobre o condicionamento do ambiente, podemos deduzir que Ventura aspirou às maiores competências do que lhe tinham sido dadas. O trecho da carta de Cunhal acima referido ganha, depois de terem decorrido mais de 60 anos, interesse a ser completado por uma lembrança de Mário Dionísio que escreve na sua *Autobiografia* as seguintes palavras: „uma

⁶¹ Ventura, Cândida. *O socialismo que eu vivi*, O Jornal, 1984, pgs. 60 e 69.

⁶² Pires Jorge, Joaquim. *Com uma imensa alegria, notas autobiográficas*, Edições Avante, 1984, p. 65.

⁶³ Ventura, Cândida. rep. cit., pg. 77.

⁶⁴ Cândida Ventura A militante que saiu do frio, O Jornal 2º caderno, de 5 a 11 de Fevereiro de 1982, edição n.º 362, p. 2.

⁶⁵ Por exemplo, Mário Dionísio escreveu um poema Balada dos amigos separados onde se referia à dura vida na clandestinidade e tinha tomado Joana como um dos motivos, Pires Jorge caracterizou-a como muito bonita e cuja aparência não tinha despertado nenhuma suspeita entre os polícias etc.

conhecida dirigente [C.V.], dessas de «antes quebrar que torcer», que se deslocava em luxuosos automóveis de Estado, vivia em bons hotéis por lá [Praga] e anda agora por aí, nos períodos eleitorais, a fazer a propaganda de tudo o que seja de Direita.⁶⁶

Pela primeira vez, Cândida Ventura chegou a Praga em Maio de 1958, encontrou-se com o casal Gregório e fez conhecimento com Artur London tendo sido estes a informá-la sobre a situação política dos países socialistas. Ventura continua a sua viagem para Moscovo e depois volta a Portugal onde é presa a 3 de Agosto de 1960.⁶⁷ Num regime maioritariamente de isolamento, Ventura foi torturada e ficou gravemente doente. Por volta do ano 1962, uma campanha pela sua libertação, na qual participou igualmente a Cruz vermelha checoslovaca, intensificou-se, tal como acontecera com de Georgette Ferreira alguns anos antes.⁶⁸ Após Ventura ter sido libertada em 1963, a direcção do PCP decidiu sobre a sua deslocação para a União Soviética, e depois a Checoslováquia com objectivo de cura medicinal. Por conseguinte, Ventura partiu em Julho de 1964 para Moscovo e no início do ano 1965 seguiu para Praga. Ao fim dum ano, o estado de saúde de Ventura melhorou consideravelmente; porém, não voltou a Portugal porque o Comité Central do PCP decidiu o seu destino doutra maneira. Neste ponto, o PCP pediu oficialmente ao PCC a atribuição de asilo e ajuda material para Cândida Ventura por meio duma carta enviada no Outono 1964 pelo membro do Comité Central do PCP Pedro Soares.⁶⁹ Dos documentos acessíveis, porém, resulta que esse assunto já tinha sido negociado pelo próprio Cunhal e dirigentes do PCC durante a sua visita a Praga. O pedido do PCP foi negociado e resolvido com resultados positivos pelo Comité Central do PCC a 25 de Maio de 1965, mas naquele momento Ventura já estava na Checoslováquia há acerca de cinco meses.

Desde aquela altura, Ventura trabalha na Checoslováquia como assistente de Pedro Soares e, assim, devia assegurar as missões políticas do PCP. Estou em crer que a estada em Praga não foi para Ventura desagradável, visto que o seu salário era acima da média da época e rondava 2 200 coroas checoslovacas atribuídas dos meios financeiros do Comité Central do PCC,⁷⁰ ao lado do alojamento fornecido de graça pela Cruz vermelha checoslovaca. A partir de 1965 até 1975, Ventura trabalhou na Checoslováquia como „vedoucí skupiny portugalskéta pol. emigrace a spojka mezi vedením PKS na Západě a skupinami pol. emigrantů v Praze, Moskvě a Bukurešti“.⁷¹ Desde 1967, como representante oficial do PCP em Praga, Ventura recebia ainda uma contribuição mensal igual a 1 500 coroas checoslovacas para poder pagar as despesas relacionadas com a actividade política do PCP na Checoslováquia.⁷²

Por mais que interessantes que fossem, não entro nos pormenores relativos ao desenvolvimento ideológico de Ventura, e nem noutros – ao leitor curioso recomendo as suas

⁶⁶ Dionísio, Mário. *Autobiografia*, Edições «O Jornal», 1987, pgs. 71-72

⁶⁷ Melo, Rose Nery Nobre de. *Mulheres portuguesas na resistência*, Lisboa: Seara Nova, 1975, p.191.

⁶⁸ SÚA, Sekretariát ÚV KSČ 1966–1971, sign. KSČ-ÚV-02/4, sv. 54, a. j. 95, b. 10; důvodová zpráva 8101/31 (Příloha III), apresenta c. V. Biřak 26/8/1970.

⁶⁹ Pedro Soares escreveu uma carta e assinou-a como António Barros. A tradução da carta está conservada nas actas do Comité Central do PCC, todavia sem data. Cf. SÚA, KSČ-ÚV-02/4, 1962-1966, sv. 39, a. j. 75, b. 10.

⁷⁰ Ibidem.

⁷¹ SÚA, Sekretariát ÚV KSČ 1966–1971, sign. KSČ-ÚV-02/4, sv. 54, a. j. 95, b. 10; důvodová zpráva 8101/31 (Příloha III), apresenta c. V. Biřak 26/8/1970. Suponho que no cargo Cândida Ventura substituiu Pedro Soares.

Tradução: «dirigente do grupo da emigração política portuguesa e elemento de ligação entre a direcção do PCP no Oeste e grupos dos emigrantes políticos em Praga, Moscovo e Bucareste.»

⁷² Esta contribuição foi pedida por Cunhal por carta oficial, aquela última ter sido negociada na afirmativa pelo Comité Central do PCC a 16 de Maio de 1967. SÚA, KSČ-ÚV-02/4, sv. 14, a.j. 22, b. 21.

memórias. É certo que depois de Agosto de 1968, Ventura fica no seu cargo acima referido contrariamente a muitos compatriotas que, em consequência da invasão, abandonaram o PCP.

Em 1971, na altura das depurações de normalização no interior do PCC, Cunhal propôs ao Comité Central do PCC um aumento da delegação dos comunistas portugueses em Praga.⁷³ Ao referir-se ao mau estado de saúde de Ventura, Cunhal pediu a estada de mais um casal dos funcionários do PCP que iriam tratar do trabalho de cariz administrativo.⁷⁴ Nos anos 70 há um aspecto pessoal entrando na vida de Ventura – a sua única filha Rosa que chegou à Checoslováquia em 1970 a pedido da mãe. Como Rosa resolveu ficar com a mãe na Checoslováquia, a estada permanente foi-lhe concedida tal como o aumento do salário de Ventura.⁷⁵

Cândida Ventura voltou para Portugal em Janeiro de 1975 e até 1976 voltaria com continuidade a Praga, onde tinha asseguradas as funções de representante do PCP. Depois de se ter reinstalado em Portugal abandonou o PCP e em 1981, «quebrou o silêncio» numa manifestação de solidariedade com a Polónia. Três anos depois publicou as suas memórias onde descreve todo o seu percurso ideológico. No livro há informações e documentos relatando a situação política na Checoslováquia nos quais é evidente que Ventura tinha observado os acontecimentos após a chegada à pátria. Os leitores portugueses puderam então ler o texto completo da Carta 77 e ser informados sobre a perseguição dos seus signatários.⁷⁶ A conexão do livro com o meio checoslovaco é nítida no prefácio escrito por Artur London, compatriota de Ostrava exilado em França e cuja carreira apresentava muitos pontos similares com a vida de Ventura.

Hoje em dia, Cândida Ventura vive com a sua neta nos arredores de Lisboa. A última actividade dela que consegui registar foi uma contribuição do ano 2001 «Crises do Partido Comunista Português».⁷⁷

Georgette de Oliveira Ferreira

„Fui várias vezes denunciada, perseguida e localizada pela PIDE em vários locais. Devo a minha liberdade durante todo esse tempo ao trabalho conspirativo e à defesa da Organização do meu Partido, em quem toda a vida me apoiei.“⁷⁸

Junto às suas irmãs Mercedes e Sofia, Georgette Ferreira pertenceu às mulheres mais activas ligadas à resistência comunista. Georgette e Mercedes entraram na clandestinidade em 1945, tendo-se empenhado sobretudo no trabalho de cariz técnico (trabalhos administrativos, administração de arquivo, contabilidade etc.). A mais nova – Sofia – segue o exemplo das suas irmãs um ano mais tarde.

A 17 de Dezembro de 1949, Georgette Ferreira foi presa numa casa clandestina e transferida para a prisão de Caxias.⁷⁹ Já naquela altura a sua saúde era precária e, durante a

⁷³ SÚA, fond Předsednictvo ÚV KSČ v letech 1971-76, sign. KSČ-ÚV-02/1, sv. 13, a.j. 13, b. 16, apresenta c. V. Biřak 20/9/1971

⁷⁴ Não consegui descobrir a identidade deles. Em Praga viveram conforme a prática habitual.

⁷⁵ SÚA, KSČ-ÚV-02/4, sv. 54, a. j. 95, b. 10; Důvodová zpráva 8101/31 (Příloha III), apresenta c. V. Biřak dne 26/8/1970.

⁷⁶ Por exemplo sobre Václav Benda, Jiří Ruml, Petr Uhl, Rudolf Batěk, Ivan Jirous etc.

⁷⁷ Ventura, Cândida. *Communisme – analyse. Les crises du Parti communiste portugais*, in: Les cahiers d'histoire sociale, N.º. 17, 2001, Albi Michel, s. 139–149. Agradeço Jan Zdichynec e Martin Bažil pela mediação do artigo.

⁷⁸ Melo, Rose Nery Nobre de. rep. cit.(1975), p. 75.

prisão, foi várias vezes hospitalizada graças à solidariedade doutros presos. A 4 de Outubro de 1950 Georgette conseguiu fugir do Hospital de Santo António dos Capuchos. Depois, trabalhou para o Comité Local no Porto até 1952, sendo chamada no mesmo ano para a direcção do PCP. Mas, no ano de 1954, Georgette viu-se novamente presa em Caxias. A má assistência fraca em instituições como prisões e hospitais, típica da estratégia da PIDE, tornou-se fatal para Georgette Ferreira porque aos 32 anos perdeu a „possibilidade“ de ter filhos.⁸⁰ Apesar da expiração da pena de três anos, a pena passou de maneira contínua ao regime das medidas de segurança. Tal como mais tarde com caso da Cândida Ventura, a campanha libertadora a nível nacional e internacional foi lançada. A Cruz Vermelha Checoslovaca apoiou a Cruz Vermelha Portuguesa na campanha oferecendo a possibilidade de tratamento a Georgette nos hospitais checoslovacos, sendo todo este processo mediado por Cunhal. „Em 1959 fui para a Checoslováquia a convite da Organização das Mulheres daquele país, e foi lá que me curei. Andei por vários e ótimos sanatórios até 1962. Finalmente fiquei boa.“⁸¹

Depois da partida da Checoslováquia, Georgette Ferreira representou os interesses do PCP no estrangeiro e podemos dizer que a sua lealdade para com o partido tinha sido quase modelo, porque tanto antes como após a Revolução dos Cravos, Georgette Ferreira tinha feito parte do Comité Central do PCP. Embora tivesse conhecido a vida no país do «socialismo real», uma das razões da lealdade de Georgette Ferreira para com o PCP pôde ser, por exemplo, a vantagem que usufruía como representante do PCP «sofredor». Um testemunho interessante acerca de privilégios parecidos foi-nos deixado por um afastado do PCP – Francisco Ferreira -que ao ter ficado alojado várias vezes no hotel do partido Praha, criticava o comportamento dos comunistas de diversos países cujas vidas eram bem diferentes da vida dos cidadãos «normais». Nesta ocasião, Francisco Ferreira mencionou igualmente o seu espanto relativamente a um encontro com Georgette Ferreira. „Entre os hóspedes permanentes do «hotel Praga», em 1958, conheci a compatriota Georgette Ferreira. Vivía no «comunismo» à custa do trabalho de outrem e, por isso mesmo, com muito mais do que o que normalmente se necessita para viver. Um dia essa compatriota deitou para o lixo um par de sapatos quase novos. A uma observação minha sobre o facto, ela explicou-me: «Tenho muitos pares. Sempre que visito alguma fábrica (na Checoslováquia havia muitas) oferecem-me um par do último modelo.» Ela era a «representante» do povo português e do PCP...“⁸²

⁷⁹ Ibid., p.66.

⁸⁰ Cf. Melo, Rose Nery Nobre de. rep. cit.(1975), pgs. 64–75.

⁸¹ Melo, Rose Nery Nobre de. rep. cit.(1975), p. 75.

⁸² Ferreira, Francisco. *26 anos na US, notas de exílio do «Chico da C.U.F.»*, Edições Afrodite, 1975, pgs. 216–217.

No ano de 1965, o casal António Lopes e Mercedes Ferreira com os seus dois filhos (de cinco e oito anos) conseguiram a atribuição de asilo político na Checoslováquia pelas legações checoslovacas. O secretário do Comité Central do PCP Sérgio Vilarigues pediu na sua carta endereçada ao Comité Central do PCC que a Checoslováquia aceitasse essa família operária como emigrantes políticos e lhes assegurasse as condições de trabalho e vida normais.⁸⁴ A família Lopes estava naquela altura na Argélia para onde teve de fugir à perseguição. Vilarigues deixou entender na sua carta, porém, que as condições na Argélia estivessem más e desejasse a transferência da família para a Checoslováquia.

A carta de Vilarigues corresponde a uma estrutura muito parecida com todos os pedidos do PCP dirigidos ao Comité Central do PCC, mas atente-se que aqui Vilarigues realçou o facto que os presos „se při svém zatčení před policií výborně chovali a poskytli naší straně velké služby.“⁸⁵ O pedido de «Amilcar»⁸⁶ foi atendido, como, aliás, todos que tenho estudado até agora.⁸⁷

De facto, há uma hipótese que António Lopes com a sua mulher e filhos fosse transferido para fora da capital checoslovaca, possivelmente para a cidade de Ústí nad Labem. Depreende-se isso dum relatório do Comité Central do PCC onde se deixa presumir que, como se trata dum casal operário que pode participar da maneira activa na produção checoslovaca, „bude však správné umístit rodinu mimo Prahu, nejlépe v Ústí nad Labem, případně ve Štětí, kde v tamních závodech už několik portugalských politických emigrantů pracuje.“⁸⁸ Infelizmente, assim terminam os vestígios da família. Sabemos que Mercedes Ferreira se tornou numa signatária da Declaração condenando a invasão das tropas dos

⁸³ De facto, não consegui encontrar quase nenhuns dados biográficos acerca destes dois antifascistas. O testemunho da Mercedes Ferrerira seria, portanto, muito enriquecedor para o presente trabalho visto que ela tinha vivido com a sua família alguns anos na Checoslováquia e era a única das irmãs Ferreira quem tinha sido afastada do Partido. Quanto a António Lopes, consegui chegar a saber que tinha trabalhado na clandestinidade como compositor do «Avante!» e a 25 de Março de 1949 foi preso junto com o seu colega da tipografia José Martins e dois membros do secretariado do PCP Álvaro Cunhal e Militão. Além disso, José Dias Coelho descreve as terríveis condições nas quais aqueles quatro presos tiveram de sobreviver à pena. Cf. Coelho, José Dias. *Odboj v Portugalsku*, Praha: Státní nakladatelství politické literatury, 1966, p. 65.

⁸⁴ Cf. SÚA, KSČ-ÚV-02/4, sv. 44, a. j. 84, b. 10; důvodová zpráva (Příloha IV), apresenta c. O. Kaderka 29/9/1965.

⁸⁵ *Ibidem*. Tradução: « os presos se tinham comportado perfeitamente perante a polícia no decorrer da detenção.»

Neste ponto gostava apenas de relembrar que justamente o mau comportamento no decorrer dos interrogatórios foi um dos aspectos que causou a expulsão do PCP da Internacional Comunista facto pelo qual tinha sido ásperamente criticado pelo Partido Comunista da União Soviética.

⁸⁶ Nome de luta de Sérgio Vilarigues.

⁸⁷ „Usnesení 84. schůze Sekretariátu ÚV KSČ ze dne 29. 9. 1965: Sekretariát ÚV KSČ – I. souhlasí, aby byla kladně vyřízena žádost PKS a A. Lopesovi, jeho manželce M. Ferreirové a jejich dvěma dětem bylo poskytnuto právo pobytu v ČSSR a vhodné zaměstnání; II. ukládá s. O. Kaderkovi zajistit v sociálním odboru ČSČK péči o uvedenou rodinu a její zařazení do pracovního procesu a života v ČSSR.“ SÚA, KSČ-ÚV-02/4, Sekretariát ÚV KSČ 1962–1966, sv. 44, a. j. 84, b. 10.,

Tradução: «o Secretariado do CC do PCC – I. concorda que o pedido do PCP esteja atendido, e ao casal Lopes e Ferreira e dois filhos o direito de estada na Checoslováquia esteja concedido, assim como um emprego conveniente; II. delega o camarada Kaderka para assegurar o cuidado pela família mencionada no âmbito do departamento social da Cruz vermelha checoslovaca, assim como a sua inserção no trabalho e vida na Checoslováquia.» (decisão do dia 29/9/1965)

⁸⁸ Tradução: «Será aconselhado, porém, colocar a família fora de Praga, o melhor na cidade de Ústí nad Labem, ou seja, em Štětí, em cujas fábricas há já alguns emigrantes políticos portugueses a trabalharem.»

Estados membros do Pacto de Varsóvia. Segundo as palavras da Sra. Fernanda Cardoso Figueiredo, Mercedes Ferreira vive, hoje em dia, em Paris.⁸⁹

Flausino Torres

„Tive sempre o apoio muito simpático do povo. Gosto muito dos checos.“⁹⁰

Em consequência das repressões constantes nos anos 60, no âmbito das quais igualmente os filhos de Torres foram presos, Flausino Torres decidiu-se pela partida para o exílio preparando a fuga junto com a sua família. Torres, ainda sozinho, parte para Argélia onde se liga no trabalho na organização da Frente Patriótica da Libertação Nacional. Em Agosto de 1965, a sua mulher Fernanda Cardoso Figueiredo com o filho mais novo Álvaro partiram de Portugal de maneira legal a fim de seguir o pai e marido. Naquela altura, o filho mais velho, Cláudio Torres, trabalhava como jornalista na emissão ilegal da Rádio Nacional em Bucareste.⁹¹

É interessante que não conhecemos a posição exacta de Flausino Torres nas estruturas do PCP, nem junto dos seus parentes chegados foi conhecido o seu nome de luta e que tipo das actividades exerceu.⁹² Do testemunho do filho de Torres – Cláudio, soubemos, porém, que no decorrer da primeira estada praguense de Flausino Torres nos meses de Inverno do ano 1961 durante a qual o filho pôde visitá-lo, o pai tinha participado nalgumas reuniões.⁹³ É possível então supor que a função desempenhada por Torres no âmbito do PCP fosse bastante importante, dado que nos documentos do secretariado do Comité Central do PCC estava indicado como velho funcionário benemérito do Partido.⁹⁴

Em Argel Flausino Torres entrou, depois de algum tempo da chegada, em conflito com os estalinistas ortodoxos que tinham controlado a direcção da Frente Patriótica da Libertação Nacional,⁹⁵ e ,além disso, o seu estado de saúde era cada vez pior. Em seguida, Torres decidiu-se por abandonar Argel rumo a Praga, donde partiu ao fim dalguns meses para Bucareste a fim de ir ter com Cláudio Torres. Em Bucareste voltou a procurar trabalho, mas sem êxito.

⁸⁹ Entrevista pessoal, 26/12/2002. Tentei entrar em contacto com a Sra. Mercedes Ferreira, mas por enquanto, sem êxito.

⁹⁰ Fernanda Cardoso Figueiredo – esposa de Flausino Torres. Entrevista pessoal, 26/12/2002.

⁹¹ No total, Cláudio Torres ali ficou treze anos. Hoje em dia, Cláudio Torres é historiador e director da investigação arqueológica em Métola.

⁹² Cláudio Torres justificou que a conspiração era necessária também no seio da família. Entrevista pessoal, 26/12/2002.

⁹³ Flausino Torres conseguiu tratar duma viagem do seu filho para Praga, residente naquela altura em Bucareste. Durante o encontro deles (sem se terem visto há alguns anos), apeteceu-lhes visitar o centro histórico da capital checoslovaca uma vez que ficavam alojados numa casa policiada situada nos subúrbios de Praga (talvez fosse uma casa de conspiração) e não lhes tinha sido possível um movimento livre pela cidade. Por esta razão, o pai com o filho decidiram passar por cima dum muro alto e encaminharam-se na neve para passear pela cidade, onde algum tempo depois, foram detidos pela polícia.

Entrevista pessoal, 26/12/2002.

⁹⁴ SÚA, KSČ-ÚV-02/4, sv. 19, a. j. 28, b. 15; důvodová zpráva 2867/20 (Příloha III), apresenta c. O. Kaderka 7/9/1967.

⁹⁵ Conforme a linguagem comunista: „... tento soudruh, který pracoval v posledních letech na vedení Vlastenecké fronty národního osvobození v Alžíru, upadl do určitých politických a taktických chyb a pro svůj radikální postoj musel být z této funkce odvolán.“ Ibidem.

Tradução: «este camarada quem tem trabalhado nos últimos anos na direcção da Frente Patriótica de Libertação Nacional em Argel, cometeu certos erros de cariz político e tático, e por causa da sua atitude radical foi necessário demiti-lo da função.»

Afinal de contas, a ajuda proveio do PCC cujo secretariado tinha aprovado, em Setembro de 1961, a atribuição da estada permanente e apoio financeiro mensal para Flausino Torres e a sua esposa.⁹⁶ Com maior probabilidade, Cunhal pediu a atribuição do auxílio para o casal Torres durante a sessão do Comité Central do PCP na Checoslováquia.⁹⁷ Na Checoslováquia, Torres ensinou alguns anos a cultura portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade Carolina.⁹⁸ A necessidade de completar o ensino por um manual de estudo induziu-lhe a ideia de terminar o texto *História de Portugal*⁹⁹ que tinha sido publicado na forma de texto para o ensino superior. Em Portugal, o livro apareceu em 1970 com a denominação *Portugal, uma perspectiva da sua História*, sendo a cópia do texto publicada na Checoslováquia.

A família Torres estabeleceu-se bastante bem no meio checoslovaco. Para isso, contribuiu também o facto de que o filho deles – o Álvaro, estudante da Universidade de 17. listopadu casasse com Ludmila Dismanová, filha dum importante funcionário de cultura, Miroslav Disman.

Depois da invasão das tropas na Checoslováquia, Torres tornou-se um dos mais radicais adversários dessa acção entre os representantes da emigração portuguesa na Checoslováquia. Foi precisamente ele quem elaborou as declarações condenando a invasão, sendo os seus adversários Mercedes Ferreira e Álvaro Bandarra. Depois de terem sabido que a direcção do PCP tinha aprovado a acção soviética a fim de resolver a questão checoslovaca, os signatários formularam uma segunda declaração na qual deixaram muito claro que não cedessem e que, de facto, abandonam o partido com o qual tinham lutado muitos anos contra a ditadura salazarista. O Dr. Střihavka disse-me que os comunistas portugueses da época viveram na Checoslováquia uma certa experiência parecida com um «tornar-se sensato do Dom Quixote» e justificou a sua afirmação numa frase segundo a qual Flausino Torres deveria ter dito: „O nosso fascismo parece um mindinho em comparação com o que conheci aqui.“¹⁰⁰

O casal Torres partiu da Checoslováquia no ano de 1970. A partida não foi motivada pela pressão da normalização, como podia parecer lógico, mas em consequência das mudanças políticas em Portugal. Álvaro Torres ficou na Checoslováquia até aos anos 70 a trabalhar na Embaixada de Portugal.

Valdemar Martins de Pinho

„De todas as nacionalidades que tenho em mim, sinto-me sobretudo checo.“¹⁰¹

Apesar da sua origem burguesa, desde a sua juventude Valdemar Martins de Pinho simpatizou com as ideias esquerdistas. Entre outros companheiros, conheceu o Cláudio Torres com quem empreendeu várias acções de protesto contra o regime salazarista. Os jovens

⁹⁶ Ibidem.; O apoio mensal era igual a 600 coroas checoslovacas. A Sra. Figueiredo confessou que o apoio tinha sido distribuído regularmente e tinha coberto as despesas ao viverem modestamente. Entrevista pessoal, 26/12/2002.

⁹⁷ Tratou-se, com maior probabilidade, da sessão secreta do Comité Central do PCP entre 2 e 10 de Agosto de 1967 no castelo Koloděje.

⁹⁸ Na lista das aulas e seminários da Faculdade de Letras da Universidade Carolina entre 1968-1969, Flausino Torres está mencionado como professor que deu uma aula e um seminário.

⁹⁹ Torres, Flausino. *História de Portugal (Introdução à civilização e cultura)*, Praha: Státní pedagogické nakladatelství, 1970. O texto tem 284 páginas e foi publicado na tiragem de 150 exemplares. Está à disposição na biblioteca da Faculdade de Letras.

¹⁰⁰ Entrevista pessoal, 21/1/2003.

¹⁰¹ Entrevista pessoal, 29/12/2002.

resistentes foram detidos e presos em 1960 e, depois da sua libertação, decidiram partir de Portugal. Contudo, numa forma insólita – sete pessoas num barco de 5,5 metros de comprimento rumo a Marrocos.¹⁰² Pinho ficou em Marrocos no total um ano e meio, mas a simpatia para com o socialismo estava crescendo consideravelmente. Também por esta razão, e graças à amabilidade dum cônsul checoslovaco Bureš, adquiriu a autorização para visitar a feira de Brno e a carta de recomendação para a Cruz vermelha checoslovaca.¹⁰³

Pinho chegou à Checoslováquia de comboio vindo de Marselha a 23 de Setembro de 1962 e por meio da Cruz vermelha checoslovaca trabalhou como mecânico na fábrica de papéis Severo-české papírny em Štětí junto à cidade de Ústí nad Labem.¹⁰⁴ „Nunca na minha vida tive tanto dinheiro como na Checoslováquia, onde não precisava cuidar da situação financeira,“ avalia hoje a sua experiência em Štětí Valdemar Pinho.¹⁰⁵ Até ao ano de 1968, Pinho não esteve, porém, em contacto com outros portugueses residentes na Checoslováquia. Embora conhecesse bem a família Torres, nada sabia sobre a instalação da família em Praga. Não foi senão em 1986 quando Flausino Torres foi procurá-lo em Štětí, e, a partir daquele momento encontravam-se habitualmente uma vez por semana.¹⁰⁶

No dia 21 de Agosto, Pinho observou de perto a acção das tropas invasoras, tendo estado presente na ocupação do armazém de combustíveis nas proximidades da fábrica onde tinha trabalhado. A sua posição para com a agressão foi inequivocamente negativa; não assinou, contudo, a declaração de Torres porquanto não fosse filiado no PCP. Também por não ser aderente ao PCP, não participou nos encontros dos comunistas portugueses na Checoslováquia, mas tinha sido informado sobre alguns por Torres.¹⁰⁷

Valdemar Pinho abandonou a Checoslováquia a 10 de Junho de 1970 por motivos familiares, visto que uma parte da sua família permanecia nos anos 70 em França e depois de 1968, os encontros tornaram-se cada vez mais complicados. A estas razões acrescentaram-se também as do descontentamento com a situação política na Checoslováquia «normalizada». Hoje em dia, Valdemar Pinho está reformado e vive em França perto da cidade La Rochelle. De dois em dois anos pelo menos, visita regularmente a sua filha e os netos.

Álvaro Bandarra

Um importante representante do *Secretariado dos Encontros dos Estudantes Portugueses no Estrangeiro*¹⁰⁸ – foi Álvaro Bandarra, naquela altura estudante. Por razões políticas partiu de Portugal e na Checoslováquia estudou na universidade praguense Univerzita 17. listopadu, tendo sido um elemento de ligação entre o SEEPE e estudantes portugueses durante os estudos. Por exemplo o correio diverso proveniente do SEEPE foi dirigido ao endereço de Bandarra. Além das actividades estudantis, Bandarra teve muitos contactos com a emigração portuguesa e mediava repetitivamente as publicações das

¹⁰² Ibidem.

¹⁰³ Apesar de terem decorrido muitos anos, Pinho lembra-se do antigo endereço da Cruz vermelha checoslovaca – Žitná 44.

¹⁰⁴ A assistência da Cruz vermelha checoslovaca era naquela altura acerca da média – Pinho recebeu dinheiro para a roupa e salário mensal antecipadamente.

¹⁰⁵ Entre outros, Pinho casou duas vezes na Checoslováquia e a sua filha do segundo casamento vive perto de Rokycany e comunica com o pai em checo. Entrevista pessoal, 29/12/2002.

¹⁰⁶ Ibidem.

¹⁰⁷ Valdemar Pinho mencionou por exemplo, que durante a reunião dos comunistas portugueses com Álvaro Cunhal em Setembro de 1968, Flausino Torres tinha apoiado Álvaro Bandarra. Segundo as palavras de Pinho, Cunhal mandou sair Álvaro Bandarra da sala pela crítica feita à invasão e do PCP. Torres respondeu ao Cunhal: „Se ele sai, eu também saio.“ Ibidem.

¹⁰⁸ Daí em diante vou utilizar a abreviatura SEEPE.

brochuras e introduções de Flausino Torres para os livros do SEEPE.¹⁰⁹ Nos anos académicos de 1968 e 1969 Bandarra ensinou na Faculdade de Letras a conversação na língua portuguesa.

Depois de se ter licenciado,¹¹⁰ Bandarra decidiu partir da Checoslováquia por razões nomeadamente políticas; de facto, deixou-o entender claramente nalgumas das suas cartas dirigidas a Manuel Sertório que o tinha ajudado a partir para Argel. Repare-se que na carta de 3 de Agosto, Bandarra definiu Praga até como a «capital do absurdo»,¹¹¹ e precisamente por isso, abandonou contente a Checoslováquia com uma perspectiva dum posto no Ministério de Agricultura argelino. Para essa decisão contribuiu, certamente, a conhecida controvérsia pós-invasora com Cunhal.

2. Oposição não-comunista na Checoslováquia

Quando os membros do secretariado do Comité Central do PCC em Dezembro de 1963 negociaram um plano dos contactos com as organizações culturais e uniões artísticas estrangeiras para o ano seguinte, constataram que o plano dos contactos com Portugal „se omezuje na kontakty s ilegálním hnutím Komunistické mládeže a jeho politickou podporu.“¹¹² Naquela época apenas imaginaram que a maior ajuda concedida pela parte checoslovaca à oposição portuguesa tornasse na atribuição de tratamento e asilo a um dos maiores militantes antisalazaristas – ao general Humberto Delgado.

À personalidade e ao exílio do general Humberto Delgado foram e continuam a ser dedicados vários trabalhos excelentes, permito-me então concentrar-me unicamente à ligação do general Delgado com a Checoslováquia onde tinha passado, na minha opinião, pelo menos duas vezes.

Nas condições precárias do exílio brasileiro, o general Delgado não desistiu de organizar as acções contra o regime de Salazar, e por esta razão, aderiu igualmente à Frente Patriótica da Libertação Nacional¹¹³ fundada em 1962 em Roma. Como o general não conseguiu partir para a primeira reunião onde a FPLN tinha sido instaurada, precisava definir sem demora o seu papel na FPLN. A fim de levar esse objectivo a cabo, tinha de encontrar-se com um parceiro equivalente da oposição, quer isto dizer, com o secretário geral do PCP de então – Álvaro Cunhal. Este encontro histórico entre os maiores expoentes da oposição antisalazarista da época deu-se precisamente na Checoslováquia. Numa das cartas enviadas da Checoslováquia no decorrer da sua estada involuntária, o general Delgado explica por quê e a que conclusões tinham chegado: „Puisque je n’avais pas pu prendre un contact personnel avec le Dr. Álvaro Cunhal, secrétaire-général du Parti Communiste Portugais, j’ai insisté près du gouvernement brésilien pour obtenir un passport. Finalement [sic], au mois de mai de 1963, je l’ai obtenu, et on a pu avoir ce rencontre historique entre les deux personnalités. Pour la première fois dans les 38 ans de l’histoire de l’opposition cet évènement a eu lieu. On a pris la décision secrète de si rapidement que possible, transformer la comission déléguée déjà citée [sic] dans un organisme plus vivant, impulseur.“¹¹⁴

¹⁰⁹ UCCD 25 de Abril: EXILADOS POLÍTICOS, H.LUCAS, SEEPE (1966–70) II, pasta: Correspondência interna 1969–70; cartas de F. A. Almeida dirigidas ao SEEPE, 6/2/1969 e 26/5/1969.

¹¹⁰ O trabalho final de Bandarra foi traduzido por Štrihavka. Entrevista pessoal, 21/1/2003.

¹¹¹ SEEPE (1966–70) Exilados políticos, H. LUCAS, složka SEEPE bolsas; UCCD 25 de Abril., a carta enviada por Bandarra a 3 de Agosto, respondida por Sertório, N° da carta 127.

¹¹² SÚA, KSČ-ÚV-02/4, Sekretariát ÚV KSČ 1962–66, sv. 19, a. j. 34, b. 7 (Příloha III, p. 5).

Tradução: «limita-se aos contactos com o movimento clandestino da Juventude Comunista e ao apoio desse movimento.»

¹¹³ Daí em diante vou utilizar a abreviatura FPLN.

¹¹⁴ Um trecho da carta do general Humberto Delgado ao Sr. Charles Ronsac, enviado de Státní sanatorium a 1 de Março de 1964. Universidade de Coimbra Centro de Documentação de 25 de Abril.

Não somente aquelas palavras provam a primeira estada do general Delgado no território checoslovaco em Maio de 1963. Considero como uma prova convincente a conhecida fotografia de Cunhal com Delgado (ver o anexo), e neste ponto, gostava de encarrilar um engano cometido pela esmagadora maioria dos historiadores. Relativamente à fotografia respectiva, os historiadores estão de acordo que provém de Praga e foi tirada durante a reunião secreta da FPLN em Praga no final do ano 1963. Como tive a fotografia original em frente de mim, verifiquei que para o território da Europa central, há atributos realmente pouco típicos para a estação do Inverno (a árvore em flor, os dois representantes apenas em casacos).

Uma outra prova da estada do general na Checoslováquia consiste ao cartão postal com motivo da Praça Venceslau, carimbado visivelmente a 9 de Maio de 1963 e enviado ao companheiro de luta (ver anexo). Se o texto escrito não fosse uma cifra de luta (Delgado usa português, inglês e afinal francês), podemos decifrar que para Delgado correu tudo bem, porém, teria de voltar ao exílio brasileiro.¹¹⁵ Um testemunho indirecto da primeira estada reside igualmente no encontro com o professor universitário Hampejs que o marcou bastante, porque «o erudito professor, especialista em literatura portuguesa» lhe tinha oferecido a lista de cinco edições dum livro predilecto do general.¹¹⁶

A segunda estada do general Delgado na Checoslováquia, desta vez realmente em 1964, prorrogou-se muito mais do que qualquer um pudesse prever. Delgado chegou a Praga a fim de participar noutra reunião da FPLN que teve lugar em Praga respeitando as medidas de segurança estritas. O objectivo principal da reunião foi a criação da Junta Revolucionária Portuguesa cujo presidente tinha sido eleito o general Delgado. Não cheguei a saber se Delgado estivesse eleito ainda na sua presença ou in absentia por causa da hospitalização iminente em Státní sanatorium em Praga – Malvazinky.

De qualquer modo, existe em Portugal a documentação da estada praguense do general Humberto Delgado em Státní sanatorium (Sanops).¹¹⁷ Nas cartas que pude estudar, o general comunica aos destinatários o seu grave estado de saúde, isto sobretudo nos primeiros meses de tratamento. Conforme as suas palavras, Delgado foi operado duas vezes, pela primeira vez a 21 de Janeiro de 1964 e pela segunda a 3 de Fevereiro.¹¹⁸ Das cartas de Delgado conseguimos apurar que apesar de a sua vida ter estado em perigo, não perdeu o seu sentido de humor. Por exemplo, no final de Fevereiro escreveu a Piteira Santos sobre os problemas de saúde e para concluir confessou: „Não fora o meu apego a vida e não aguentaria operações num sofrimento. Mas tenho que ir a Portugal dar cabo de um senhor jesuita...“¹¹⁹ Atente-se no facto duma certa obsessão do general de voltar para Portugal, por exemplo, na carta do 14

¹¹⁵ Caro Dr. M. Sertório. Só para marcar a passagem. Everything right. Unfortunately I still return... Next time, may be. A bientôt. H.D. Menciono que na edição da correspondência entre Sertório e Delgado *70 cartas inéditas*, a frase *Everything right* está transcrita como *Excepcional sight* no sentido de *ótima perspectiva*. Consultei esta frase directamente com a Iva Delgado quem me tinha confirmado a minha reflexão, a saber *Everything right*. Julgo, contudo, esta frase como chave para a compreensão do recado. Embora Delgado avaliasse o encontro com Cunhal de maneira muito positiva, foi obrigado a voltar ao Brasil donde era praticamente impossível gerir as actividades de resistência. Com dificuldades, efectivamente, podemos falar sobre as óptimas perspectivas.

¹¹⁶ Delgado, Humberto. *A Tirania portuguesa*, Iva Delgado, Carlos Pacheco, p. 113.

No livro o nome do professor está incorrecto; em vez de «Hambejs», chamava-se naquela época «Hampejs».

¹¹⁷ UCCD de 25 de Abril, Correspondência pessoal do gen. H. Delgado.

¹¹⁸ Com maior probabilidade se tivesse tratado da hérnia estrangulada. Sem possibilidade de averiguar a diagnose, a anamnese, se a houver, pode ser consultada somente pelos parentes.

¹¹⁹ Correspondência de Humberto Delgado, espólio Piteira Santos., carta N.º. 191, com data 29/2/64.

de Abril informa sobre os seus primeiros passos depois de ter passado oitenta e três dias na cama.¹²⁰ No mesmo lugar, o general queixou-se que a professora de educação física lhe permitisse somente vinte passos, e ele conseguiu andar 220 metros. Às suas objecções, o general respondeu-lhe: „I must go to LISBON as soon as possible, Madame, and your training is good for ladies.“¹²¹

O general Delgado ficou em tratamento em Státní sanatorium até ao início do Junho de 1964. No âmbito da sua estada visitaram-no por exemplo: o secretário do Comité Central do Partido Comunista do Brasil (igualmente um hóspede de frequência na Checoslováquia) – a 12 de Fevereiro, o amigo de Delgado Mário Soares (a 13 de Abril), o presidente argelino Ben Bella no âmbito da sua visita oficial da Checoslováquia. A estada do general Delgado na Checoslováquia foi estritamente secreta, nem a imprensa oficial da época nem os arquivos fornecem mais pormenores.

Depois do fim do tratamento, os médicos mandam Delgado à cidade de Karlovy Vary para passar a convalescença lá. O último vestígio da sua estada na Checoslováquia é uma carta dirigida à sua patrocinadora Duquesa Maria Pia de Sax Coburgo a quem declarou que partiria da Checoslováquia a 27 de Junho de 1964.¹²² É possível verificar o mesmo data no postal para José Teixeira do 12 de Junho de 1964 (ver o anexo).¹²³

¹²⁰ Ibidem., carta N.º 204, com data 14/4/64.

¹²¹ Ibidem., ver o anexo.

¹²² Correspondência de Humberto Delgado, espólio Piteira Santos., carta N.º 236, enviado de Karlovy Vary a 21 de Junho de 1964.

¹²³ Arquivo Mário Soares. Pasta N.º 2583.004.

Bibliografia citada

Fontes de arquivo

Arquivo Central de Estado em Praga (Státní ústřední archiv) - fundos Předsednictvo ÚV KSČ, Sekretariát ÚV KSČ e Politické byro
Arquivo do Ministério dos Negócios Estrangeiros - fundos Politické zprávy (Portugal) e Diplomatický protokol (Portugal)
Arquivo do Ministério dos Assuntos Internos
Arquivo da Fundação de Mário Soares
Universidade de Coimbra – Centro de Documentação de 25 de Abril

Fontes secundárias

a) na língua checa

BARTOŠEK, Karel. *Zpráva o putování v komunistických archivech. Praha–Paříž (1948–1968)*, Praha– Litomyšl: Paseka, 2000
BOROVIČKA, V. P. *Atentáty, které měly změnit svět*, Praha: Naše vojsko, 1981 (capítulo *Generál bez vojska*)
COELHO, José Dias. *Odboj v Portugalsku*, Praha: Státní nakladatelství politické literatury, 1966
CUNHAL, Álvaro. *Směr vítězství*, traduziram Zdeněk Hampl a Pavla Lidmilová, 1976
FRYER, Peter e MCGOWAN PINHEIRO, Patricia. *Salazarovo Portugalsko*, traduziram Zdeněk Hampl e Sylva Pavlíková, Nakladatelství politické literatury, 1965
KLÍMA, Jan. *Dějiny Portugalska*, Praha: Nakladatelství Lidové noviny, 1996
RUPNIK, Jacques. *Dějiny Komunistické strany Československa. Od počátků do převzetí moci*, Praha: Academia, 2002
TIAGO, Manuel. *Na shledanou, soudruzi*, Praha: Nakladatelství Svoboda, 1989

LAINOVÁ, Radka. Diktatura ministerského předsedy António Oliveira de Salazar a portugalský autoritativní režim, *Historický obzor IX.-X.*, 1999
KLÍMA, Jan. Tarrafal - tábor pomalé smrti, *Dějiny a současnost*, 5/2002, Ročník XXIV

b) na língua portuguesa e noutras línguas estrangeiras

ALMEIDA, Pedro Ramos de. *O assassinio do General Humberto Delgado, a armadilha política*, Lisboa: Caminho:1978
ANTUNES, José Freire. *Salazar e Caetano: cartas secretas 1932–1968*, Lisboa: Círculo de Leitores, 1993
CERQUEIRA, Henrique. *Acuso! Soares, Cunhal, Emídio Guerreiro, Lopes Cardoso na morte de Humberto Delgado*, Lisboa: Intervenção 1976

- COSTA, Ramiro da. *Elementos para a história do movimento operário em Portugal*, Lisboa: Assírio e Alvim, 1979
- CUNHA, Carlos. *The Portuguese communist party and perestroika: resistance and reforms*, Durham: University of New Hampshire, 1989
- CUNHAL, Álvaro. *Duas intervenções numa reunião de quadros*, Lisboa: Editorial «Avante!», 1996
- CUNHAL, Álvaro. *O Partido com Paredes de vidro*, 6.^a edição, Lisboa: Editorial «Avante!», 2002
- DELGADO, Humberto. *Memórias de Humberto Delgado*: coordenação de Iva Delgado e António de Figueiredo, Lisboa: Delfos, 1974
- DELGADO, Humberto. *A tirania portuguesa*: Humberto Delgado, organização de Iva Delgado e Carlos Pacheco, Lisboa: Publ. Dom Quixote, 1995
- DELGADO, Humberto. *Humberto Delgado: as eleições de 58*, coordenação de Iva Delgado, Carlos Pacheco e Telmo Faria, pref. de Fernando Rosas, Lisboa: Vega, 1998.
- DIONÍSIO, Mário. *Autobiografia*, Lisboa: O Jornal, 1987
- DOSSIER H. D. *Crime premeditado*, Lisboa: Editorial «Avante!», 1979
- FERREIRA, Francisco. *26 anos na US, notas de exílio do «Chico da C.U.F.»*, Edições Afrodite, 1975
- FERREIRA, José Medeiros. *Ensaio histórico sobre a revolução do 25 de Abril*, Imprensa nacional - Casa da moeda, 1983
- GEORGEL, Jacques. *Le salazarisme, histoire et bilan 1926–1974*, 1981
- MARCADÉ, Jacques. *Le Portugal au XXe siècle 1910–1985*, Paris: Presses universitaires de France, 1988
- MARQUÊS, J. A. Silva. *Relatos da clandestinidade, o PCP visto por dentro*, Lisboa: Jornal Expresso, 1976
- MATTOSO, José. *História de Portugal - Portugal em transe*, Lisboa: Círculo de Leitores, 1994
- MAXWELL, Kenneth. *A construção da democracia em Portugal*, Lisboa: Presença, 1995
- McGOWEN PINHEIRO, Patrícia. *Misérias do exílio. Os últimos meses de Humberto Delgado*, Lisboa: Contra Regra, 1998
- MELO, Rose Nery Nobre de. *Mulheres portuguesas na resistência*, Lisboa: Seara Nova, 1975
- PERREIRA, José Pacheco. *A sombra: estudo sobre a clandestinidade comunista*, Lisboa: Gradiva, 1993
- PERREIRA, José Pacheco. *Álvaro Cunhal, uma biografia política, «Daniel» o Jovem Revolucionário (1913–1941)*, Lisboa: Temas e Debates, 1999
- PERREIRA, José Pacheco. *Álvaro Cunhal, uma biografia política, «Duarte» o Dirigente Clandestino (1941–1949)*, volume 2, Lisboa: Temas e Debates, 2001
- PINTO, António Costa. *O salazarismo e o fascismo europeu, problemas de interpretação nas ciências sociais*, Lisboa: Estampa, 1992
- PIRES JORGE, Joaquim. *Com uma imensa alegria*, notas autobiográficas, Lisboa: Editorial «Avante!», 1984
- ROSAS, Fernando. *História de Portugal. O Estado Novo (1926–1974)*, VII volume, Lisboa: Estampa, 1994

SCHMITTER, Philippe C. *Portugal: do autoritarismo à democracia*, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1999
SEABRA, Zita. *O nome das coisas*, Lisboa: Europa - América 1988
SERTÓRIO, Manuel. *Humberto Delgado - 70 cartas inéditas*, Lisboa: Alfa, 1990
SOARES, Mário. *Portugal amordaçado*, Lisboa: Arcádia, 1974
SPÍNOLA, António. *Portugal e o futuro*, 1974
VENTURA, Cândida Margarida. *O socialismo que eu vivi*, com prefácio de Arthur London, Lisboa: O Jornal, 1984
VINHAS, Manuel. *Profissão exilado*, Lisboa: Meridiano, 1976
WERY, Max. *E assim murcharam os cravos*, Lisboa: Fragmentos, 1994

c) artigos das publicações periódicas nas línguas estrangeiras

Caso Delgado, Jogo escondido?, *Vida Mundial*, Nº. 1849, 20/2/75, p. 49-53
Comunismo sem fronteiras, Quando Cunhal aplaudiu a invasão da Checoslováquia, *Política Operária*, Nº. 66, Set/Out 1998
How the Communists Survived, *Time*, August 11, 1975
Melo Antunes, No país das maravilhas, *Vida Mundial*, Nº. 1891, 10/6/76, p.61
Rosa Casaco conta tudo, *Revista Expresso*, Nº. 1320, 14/2/1998
Sob o signo de Helsínquia: a Carta 77 na Checoslováquia, *Opção*, 23 de Fevereiro de 1977
Western Europe's First Communist Country?, *Time*, August 11, 1975
VENTURA, Cândida. A militante que „saiu do frio“, *O Jornal*, Nº. 362. 5 a 11 de Fevereiro de 1982
VENTURA, Cândida. Communisme – analyse, Les crises du Parti communiste portugais, *Les cahiers d'histoire sociale*, Nº. 17, 2001

d) publicações periódicas da época

MLADÁ FRONTA
RUDÉ PRÁVO
SVOBODNÉ SLOVO
ZAHRANIČNÍ POLITIKA

AVANTE!
EXPRESSO
JORNAL
MILITANTE
OPÇÃO
POLÍTICA OPERÁRIA
TIME
VIDA MUNDIAL

e) Obras de consulta, enciclopédias e dicionários

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA. *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Editorial Verbo, 2001

BARRETO, António e MÓNICA, Maria Filomena. *Dicionário de história de Portugal*, Porto: Liv. Figueirinhas, 1999-2000

HAMPLOVÁ, Sylva e JINDROVÁ, Jaroslava. *Česko-portugalský slovník*. Leda, 1997

PEČENKA, M. e LUŇÁK, P. a kolektiv. *Encyklopedie moderní historie*, 1995

ROSAS, Fernando e BRITO, J.M. Brandão. *Dicionário de história do Estado Novo*, Lisboa: Círculo de Leitores, 1996

ŽALOUDEK, Karel. *Encyklopedie politiky*, 1996

f) Internet